

ANNO XXXIV N 03-04 MARÇO ABRIL 2017

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

*Família
em primeiro plano*

**À luz do
carisma
de Chiara
Lubich**

**O Conselho Geral
Em Ottmaring
Assumir juntos**

**Grupos editoriais
Máxima confiança
máxima
responsabilidade**

A alegria do Ressuscitado

[...]

Não há ressurreição sem morte. [...] Não existe alegria de Jesus sem o amor a Jesus Abandonado. Não existe alegria sem amar o sofrimento. Se não possuímos a alegria da ressurreição quer dizer que Jesus Abandonado já não é o Ideal da nossa vida, do nosso momento presente. No lugar dele talvez esteja o trabalho, [...] o nosso eu, que quer viver em vez de morrer, ou o estudo, as atividades, as coisas, as criaturas...

A alegria que Deus quer de nós é mesmo especial. É a alegria de Jesus Ressuscitado. Ela floresce da dor, irrompe da renúncia, acompanha o amor.

É uma alegria contagiante, que se distingue, que impressiona, que atrai, que converte. Não é uma alegria improvisada e muito menos uma máscara que aplicamos para iludir os outros ou a nós mesmos.

Para a possuir é preciso escolhê-lo todos os dias e amá-lo o dia inteiro: nos sofrimentos que nos chegam, nas renúncias, nas mortificações exigidas pela nossa vida cristã, nas penitências de que não se pode prescindir.

Amar Jesus Abandonado para que Jesus viva



© CSC Audiovisivi

Chiara Lubich

em nós. Jesus no abandono ofereceu-se completamente. Na espiritualidade centralizada nele, Jesus Ressuscitado deve resplandecer plenamente e a alegria deve testemunhá-lo.¹

[...] É preciso abraçar sempre, generosamente e sem hesitação, Jesus, que se apresenta nos sofrimentos de todos os dias, nas renúncias que a vida cristã e todas as virtudes implicam. Fazendo assim, o Ressuscitado, que supomos já presente em nós pela graça, irradiava todo o seu esplendor. Os dons do seu Espírito fluem nas nossas almas. É uma Páscoa constantemente renovada. Jesus vive plenamente em cada um de nós.

Mas, se Jesus vive em mim e vive também no meu irmão, é evidente que, quando nos encontramos, já somos um, já somos perfeitos na unidade. E quem possibilitou tudo isto? Foi o amor a Jesus abandonado.²

Chiara Lubich

1 De CHIARA LUBICH, *A unidade e Jesus Abandonado*, Cidade Nova, Parede, 1985, pág. 103

2 *Ibidem*, pag. 117

Novidade editorial

Serás totalmente nova a minha vida com Chiara Lubich

«Nem todas as histórias podem ter a pretensão de concentrar, no seu fragmento, o sentido e o significado de uma época. A da Luigina Nicolodi, sim. É a história de uma pessoa que viveu os momentos mais notáveis do século vinte, participando neles ativamente. Através da sua autobiografia, é possível entrar no clima social e cultural de uma época, que foi marcada por umitas contradições, rica de acontecimentos excepcionais e de circunstâncias comuns. Todas inseridas numa rede que começou pela adesão da Luigina ao Movimento dos Focolares, desde 1947. Um grupo de jovens, em Trento, começara a reunir-se ao redor de Chiara Lubich, sem que tivessem como salvaguarda nenhuma garantia institucional, que comprovasse a estabilidade da opção feita por cada uma, e nem sequer uma segurança económica.

As primeiras focolarinas, como as pessoas as chamavam, não tinham andado na mesma escola, nem tinham diante delas um itinerário bem definido.

Não podiam contar com absolutamente nada, no entanto elas tinham tudo. A escolha que fizeram de viver o Evangelho era o que alimentava a sua ação, e contagiava os corações de quem as conhecia. À sua volta ia crescendo uma comunidade, que agora se estende pelo mundo inteiro.» (Da introdução de Alberto Lo Presti).



14 de março de 2017

Uma luz para a família

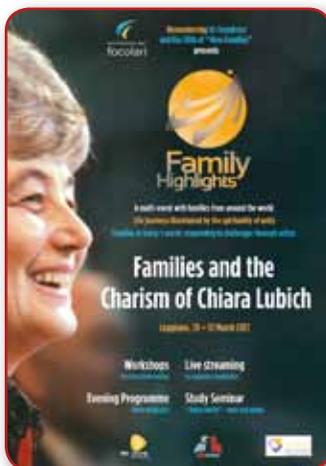
Eventos e iniciativas para recordar Chiara Lubich, passados nove anos da sua morte e celebrar o cinquentenário de Famílias Novas

O evento FamilyHighlights

A família, laboratório de humanidade. É a consciência que sobressai do multi-evento «FamilyHighlights» (Loppiano, 10-12 março). O *meeting*, com uma projeção internacional, teve a participação de mais de mil pessoas, provenientes de cinquenta Países: Pais de todas as idades, avós, jovens noivos.

O «FamilyHighlights» é «um percurso para ser vivido durante todo o ano 2017 e em ligação com muitas outras manifestações em todo o mundo», explicam a Maria e o Gianni Salerno, os responsáveis internacionais de Famílias Novas. Tal como aconteceu em Loppiano, em muitos locais no mundo, por meio de momentos de reflexão, partilha de testemunhos, momentos de expressão artística, pôs-se em evidência o grande contributo do carisma de Chiara à família, em sintonia com as reflexões provenientes do Sínodo e reunidas na sucessiva exortação apostólica *Amoris laetitia*, do Papa Francisco.

O programa, em 19 línguas, transmitido por



streaming, aprofundou a realidade da família como rede de relacionamentos, que vai do eu até ao nós. O amor é o instrumento e resposta para as suas situações críticas e o seu ser recurso criativo para o tecido social de cada povo. Mostrou como é que as famílias e as redes de famílias, que sabem estar abertas para receber os outros e para a solidariedade, podem transformar o contexto social onde vivem.

A doutora Vinu Aram, diretora do Shanti Ashram, um amplo movimento hindu e membro da Conferência mundial das religiões para a paz, sublinhou a universalidade do pensamento de Chiara, retomando as suas palavras: «amar os outros como a nós próprios é a regra de ouro que está presente em todas as religiões». E convida a «que se veja o mundo com o olhar das crianças, porque, afirma ela: há ainda muitas crianças que vivem em situação de pobreza. Por isso temos que pensar no que fazer para lhes dar um futuro melhor. É este o objetivo que o Shanti Ashram quer realizar na Índia, em sinergia também com a AFNonlus, Associação formada por Famílias Novas, que se dedica à família





12 de Março. Danilo e Anna Maria Zanzucchi em Loppiano

e à infância com necessidades, no mundo inteiro.

Maria Voce (Emmaus), presidente do Movimento dos Focolares, na sua intervenção, sublinha este compromisso e estimula a seguir em frente. Indica uma série de pontos concretos aos quais as famílias são chamadas, tais como fazer «circular os bens materiais e espirituais, para que se aprenda o valor da cultura do dar». Maria Voce sublinha ainda que os valores intrínsecos à vida familiar como: comunhão, fidelidade, fecundidade, reciprocidade, espírito de sacrifício «podem ser novidades que rompem as já escleróticas estruturas institucionais e, por isso, pontos de referência para uma nova ordem social». Ela lança o convite a serem «pais e mães da humanidade, oferecendo o contributo pessoal como apoio e encorajamento da fraternidade universal».

A única maneira para começar a construir o mundo unido é «que nos conheçamos melhor uns aos outros, é amar-nos com maior profundidade, ajudar-nos», é o que contam a Dianne e o Innocent de Kigali, no Rwanda, casados há 15 anos. Eles, com Mary e Pourik, de Dublin, são as duas primeiras famílias a quem calhou, à sorte, uma gemelagem entre famílias de várias partes do mundo. É uma iniciativa «que pensamos

estender a outras famílias dos nossos respetivos territórios», para intensificar uma «rede que possa responder às necessidades de uma parte e da outra do mundo».

Durante os seis *workshops*, surgiram histórias e iniciativas dedicadas aos relacionamentos do casal nas várias etapas da vida, ou à educação pais-filhos, à aceitação e à solidariedade para com situações difíceis e povos em desvantagem, também para as 150 crianças e adolescentes presentes.



Nasce um Centro de estudos sobre a família

Em colaboração com o Instituto Universitário Sophia, durante os dias precedentes a este evento, fez-se um Seminário de estudos com uma centena de famílias, professores universitários e profissionais de várias áreas, com o tema: o «pacto de reciprocidade na vida familiar, gerador de confiança e de relacionamento». Examinaram-se vários âmbitos relacionados com a família, vista tanto na sua interioridade, (vida conjugal, vida geracional,



vida intergerações), como nos relacionamentos externos (aliança família - escola, diálogo família-social media, dimensão intercultural e confronto com os vários modelos de família).

«Uma oportunidade muito importante para nos confrontarmos e colaborar para o bem da família e da humanidade», afirmam Rosa Maria e Josef Wieland, responsáveis pelas famílias do movimento



intelectual e cultural», dizem o Paulo e a Bárbara Rovea, que estão entre os coordenadores.

«O trabalho de 50 anos de vida de Famílias Novas nos cinco continentes, com a partilha nos

grupos, os percursos para os casais jovens, para os casais com dificuldades, o acompanhamento das pessoas viúvas, separadas, e dos casais que vivem uma nova união; as iniciativas de apoio à infância, podem ser consideradas como um «laboratório, que se pode transformar num âmbito científico de observação».

Respira-se um ambiente de «máxima frescura», comenta o padre Paulo Gentili, diretor do Departamento Nacional da CEI para a pastoral da família. «O esforço que fazem aqui é pôr a dar fruto o que Chiara Lubich intuiu profeticamente, incarnando as páginas da *Amoris laetitia*» (ver também www.iu-sophia.org/_News_3998).

Pais e filhos na escola

Se a mensagem de «FamilyHighlights» pôs em evidência que a família, consciente das suas potencialidades, tem todas as capacidades para enfrentar e vencer os vários desafios da atualidade, a escola para as Famílias realizada em Castel Gandolfo (de 13-17 de março) quis oferecer, aos quase 500 participantes, os instrumentos que possibilitam que isso aconteça.

Num aberto diálogo, com atividades para os casais e momentos para se aprofundar, tentou-se clarificar temáticas como a comunicação no casal, a afetividade, a crise e o perdão, a cultura do dar, o conciliar trabalho-família, a educação, dando mais realce ao diálogo e à unidade, que são a base da solidez do casal e que produzem o bem-estar da família.



Schönstatt, a quem o Papa Francisco incitou que trabalhassem para «criar uma cultura do encontro e da aliança». «É o que fazemos aqui, afirmam: criar a família, a solidariedade eclesial».

O Simpósio foi numa direção de interdisciplinaridade típica do Instituto Sophia, explicam Eric e Neide Ouarque, de Fortaleza (Brasil), que, como família, frequentam a escola «Loreto» e o percurso de Sophia, simultaneamente. Ele é *manager*, desejoso de aprofundar a Economia de Comunhão, que une a economia, o *management* e o ensino social cristão; ela é médica, com um *master* em saúde pública e está a fazer um doutoramento no âmbito sociológico.

«Para nós foi uma pérola poder fazer esta experiência, que nos ajudou também como casal, através de um intercâmbio mais profundo».

A interação entre a investigação e a vivência é também a alma do novo Centro de estudos, que foi anunciado durante o Simpósio, e que vai englobar académicos e famílias de todo o mundo, em colaboração com outras Universidades Internacionais. «Os tempos já estão maduros para que possamos tentar fazer uma reflexão

«Famílias coração»

As famílias-focolar têm no coração o desejo constante de realizar o «que todos sejam um», e tentam sobretudo ter a presença quase constante de Jesus no meio delas

A Emmaus, numa saudação a esta escola das famílias, disse: «Sejam um fogo sempre aceso, uma unidade indestrutível». Isto não significa necessariamente ter encargos específicos na Obra. Temos até a ousadia de dizer que, talvez justamente quando não têm nenhuma função, as famílias-focolar são mais claramente elas mesmas, em toda a sua riqueza, na beleza da sua realidade mística: ser aquela família, coração da comunidade onde vive, que sabe fazer-se pequena e humilde, que acolhe a todos e ajuda a todos; que dá calor e oferece, no gelo e na escuridão do mundo, a luz de Jesus, que está presente dentro das paredes da sua casa.

«Nós viemos da China e alegra-nos estar aqui: gostámos da comunhão das experiências de todo o mundo. Descobri que os momentos de crise, de escuridão, são normais na vida do casal, mas que o facto de “fazer-se um” com a pessoa que vive ao nosso lado, ajuda-nos a ultrapassar as dificuldades». O enamoramento inicial transforma-se em amor maduro, alimentado pela dinâmica do perdão e de pedir desculpas. É uma ginástica quotidiana que permite fazer renascer o relacionamento: «Estamos casados há 27 anos e temos dois filhos já grandes». Explicam o João e a Rosina, do Quênia.

«Esta escola tocou mesmo o nosso coração. Conseguiu que, em pouco tempo, nos apercebêssemos de todas as distâncias que tínhamos acumulado nestes anos».

Uma escola para os encarregados das famílias-focolar

Simultaneamente, ainda em Castel Gandolfo, houve também a primeira escola dos casais encarregados das famílias-focolar com o objetivo de ajudar as 35 famílias presentes a compreender o delicado papel de acompanhamento: «não é preciso ser-se especialistas ou melhores do que os outros», afirmam a Maria e o Raimondo Scotto. «É sobretudo preciso desenvolver a capacidade de fazer o caminho juntamente com as outras famílias, e partilhar as alegrias e as dores da vida». Durante os diálogos e os encontros de grupo tentou-se aprofundar esta realidade nos vários contextos mundiais.

A situação da Europa é muito diferente da situação Africana, da Sul-americana, da Ásia. Nos grupos de aprofundamento e numa estimulante conversa com Jesus Morán, foi sublinhado que, no caso de que as famílias que acompanham passaram por dificuldades e justamente por isso, elas estão à altura de compreender os momentos críticos das outras famílias, sem os olhos de cima para baixo. A frequente presença dos Conselheiros das Seções das e dos focolarinos focou a presença das famílias-focolar nos seus respetivos focolares. Nasceu um novo entusiasmo por viver e trabalhar pela fraternidade universal.

Giovanna Pieroni

Ler mais na Mariapoli *online*
www.focolare.org/notiziariomariapoli

© Roberto Rigo



Em Ottmaring Assumir juntos

Os membros do Conselho Geral do Movimento dos Focolares reuniram-se de 19 a 26 de fevereiro, na cidadela «Nova Lei», para o seu encontro anual

A escolha da Cidadela de Ottmaring (Alemanha) não foi uma casualidade. Reflete a decisão do Conselho de estar "em saída", de entrar em contacto direto com as realizações que caracterizam o itinerário dos nossos diálogos e, neste caso, de modo especial o diálogo ecuménico (ver a box).

O tema deste ano orientou os trabalhos: "Jesus abandonado, o Deus da unidade".

Desde a preparação, o encontro teve como característica ser um percurso de sinodalidade. De facto, durante os meses que o antecederam, os centros dos diversos ramos e movimentos deram o seu específico contributo para que se concretizassem as linhas de Orientação elaboradas pela Assembleia. Uma espécie de balanço de reflexão em três pontos: quanto foi até agora realizado, os desafios que se abriram, as perspectivas para os próximos três anos.

Durante esses dias em Ottmaring, partindo deste valioso contributo, as sessões plenárias



© Ursel Haaf x 3



© Maria Kny
Brigitte Pischner, focolarina luterana, com a pastora Susanne Kasch



No centro, Peter Dettwiller, pastor da Igreja reformada

alternaram-se com as de trabalho de grupo, que ajudaram a poder identificar as etapas concretas a realizar até ao final deste mandato.

Alguns exemplos para podermos participar nos horizontes prospetivados.

Um tema comprometedor e determinante é articular os recursos humanos em relação com o "que todos sejam um", com a irradiação em todo o mundo. Através de um diálogo mantido nestes anos a vários níveis e com o trabalho feito com os Delegados das Grandes Zonas, foram identificados os chamados Países de fronteira, nos quais a presença da Obra abriu importantes horizontes de diálogo. Além da abertura de novos focolares, considerou-se a possibilidade





Em Ottmaring uma nova consciência ecumênica de todo o Movimento

A celebração dos 500 anos da Reforma foi, para o Conselho Geral, determinante para a escolha do local onde reunir-se. O diálogo ecumênico, considerado primordial em outubro de 2016, na histórica Declaração conjunta, assinada em Lund pelo bispo Munib Younan, presidente da Federação luterana mundial e pelo Papa Francisco, exige que se assuma uma nova responsabilidade, um novo empenho. O apelo lançado em Lund às comunidades luteranas e católicas «para que sejam corajosas e criativas, alegres e cheias de esperança no compromisso de continuar a grande aventura que nos espera» não podia deixar de provocar uma forte adesão durante o retiro do Conselho Geral, na cidadela «Nova Lei» de Ottmaring. Onde, desde 1968, nasceu uma experiência piloto de convivência entre membros da «Vereinigung vom gemeinsamen Leben – Associação de vida comum (originária do mundo evangélico) e pessoas do Movimento dos Focolares.

A visita à cidadela, mas sobretudo o que os seus habitantes contaram, as experiências profundas, as interrogações, foram uma preparação para encarar a questão de fundo: «O carisma da unidade, que é uma dádiva para todas as Igrejas, deve dar novos passos?».

O Conselho Geral, conjuntamente a uma representação de evangélicos da Alemanha e

ao Peter Dettwiller, pastor da Igreja reformada Suíça, elaborou uma profunda reflexão e um sincero confronto sobre este tema.

No dia 21 de fevereiro publicou-se a Declaração de Ottmaring» (ver o texto integral nas várias línguas, na *Mariapoli* online): «A Emmaus afirma: Não é possível que um membro dos Focolares, ao conhecer esta Declaração, possa pensar que o compromisso ecumênico diz respeito só aos Países onde existem cristãos de várias Igrejas. E que não lhe toca pessoalmente, porque se sente bem na sua Igreja e estes problemas não lhe interessam». É preciso fazer «uma conversão do coração, quer dizer, começar a pensar ecumenicamente» em todo o Movimento, pôr em evidência, a todos os níveis, o que aconteceu em Lund.

A visita a Augsburg, onde foram recebidos por quem esteve presente quando Chiara Lubich passou por lá, o vice-presidente da freguesia, o Dr. Stefan Kiefer e a decana Susanne Kasch, ajudou a reforçar a urgência da "novo", que leva à autenticidade da fonte.

A coroar estes dias, o encontro com os habitantes da cidadela. Nas suas expressões revelam uma grande e impensada alegria. Ninguém hesita em falar, seja um católico ou evangélico, porque sabe que é visto com os "olhos do coração".

A Emmaus confirma que é única a vocação de Ottmaring, o berço do nosso ecumenismo, "ação criada por Deus", como definiu Brigitte Horneber, a responsável da Associação de vida comum.

Depois, uma forte chuva de ideias por parte dos membros do Conselho, que expressam a vontade de, juntos, assumir nos próximos anos o desenvolvimento da cidadela: propostas concretas para serem realizadas. O Centro «Uno» acompanhará constantemente aquilo que se fizer. Fala-se sobre: as Summer School, a colaboração com a Escola Aba e Sophia, a necessidade de revitalizar a Escola ecumênica e muitas outras.

Nella foto: 20 ottobre. Emmaus con, da dx, Walter Goll e sr. Petra Hahn della «Vereinigung» di Ottmaring

de focolares temporários, que abrangem todos os membros da Obra. É um caminho novo que já atraiu generosas adesões. Muitas das vivas Comunidades locais desenvolvem uma função de irradiação. Há que intensificar o trabalho de amadurecimento neste sentido.

As temáticas do anúncio do ideal e o acompanhamento das pessoas que notam uma chamada especial, estão intimamente ligadas. Neste sentido, realçaram alguns pontos: a prioridade do testemunho da palavra vivida com a comunhão de experiências. Caminhar juntos, no âmbito dos movimentos de vasto alcance, oferece a possibilidade de conhecer as várias vocações da Obra. Caminhar juntos, os voluntários e o movimento Humanidade Nova, os gen e Jovens para o mundo unido, etc. é a estratégia para cristianizar a sociedade, para viver imersos nela.

A reflexão sobre as novas gerações é especialmente atual. Entre outras coisas, está a realizar-se, na Igreja católica, um animado trabalho de preparação para o Sínodo dos Bispos de 2018:



Representantes evangélicos da Alemanha

Para uma Obra que é chamada a anunciar o ideal da unidade a todas as latitudes, é fundamental a importância do aspecto das traduções. Falou-se de como aumentar os recursos a investir neste campo; como favorecer a colaboração entre o departamento de traduções e os tradutores ligados em rede; como fazer a coordenação entre os vários centros.

Surgiu uma prioridade, que não é a menos importante: focalizar os diálogos. Os centros para os diálogos fornecerão um texto específico, com uma primeira parte que se refere ao diálogo em geral e uma segunda para aprofundar cada um dos diálogos de forma específica.

Muitos laboratórios abertos, nos quais volta sempre o método de «assumir juntos», com uma visão que abraça o mundo. Em várias ocasiões veio em evidência o agradecimento por esta

semana tão cheia de diligências, ideias, propostas, mantida também pela unidade de muitos que ofereceram, rezaram, viveram.

«Estar em Ottmaring transformou-nos» afirmou Jesus Morán, durante o encontro final

com a Cidadela, referindo-se sobretudo à experiência ecuménica. «O facto de sentir que saímos daqui diferentes de como chegámos, afirma a Emmaus – significa que é um princípio, não um fim. Agora tem que se mostrar esta diferença. Atuá-la, fazer com que se veja, testemunhá-la.»

Pela redação

Ler mais na Mariapoli [online](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)
www.focolare.org/notiziariomariapoli



Na capela da Vereinigung vom gemeinsamen Leben

«Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Nesta perspectiva, pretende-se continuar a ser especialmente cuidadosos com a formação dos assistentes e animadores. É uma solicitação importante, explícita no Documento Preparatório do Sínodo (III,2), de considerar os jovens sujeitos e não objetos, o que é totalmente em conformidade com o pensamento de Chiara Lubich.



Em Augsburg, com o vice presidente da câmara Stefan Kiefer

Cidadelas

Onde o Invisível se torna visível

Em Castel Gandolfo, uma semana dedicada às Mariápolis permanentes: desígnio e atualização

As 25 cidadelas da Obra, existentes (ver box) no mundo, protagonizaram um encontro que durou uma semana inteira (5-12 de fevereiro de 2017). Encontraram-se no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo perto de cem pessoas de diversas vocações, para as representar, como responsáveis e colaboradores. Tratou-se de um primeiro encontro e, ao mesmo tempo, de uma eta-

uma comissão criada para o efeito e em colaboração com as próprias cidadelas, coordenaram a preparação do programa. O contributo dos jovens foi precioso. Por isso foram também convidados os gen e as gen que atualmente se encontram no centro gen mundial.

O objetivo do encontro foi focar o desígnio originário de cada cidadela. Cada uma delas nasceu com um objetivo: algumas prestam-se mais para acolher os jovens; outras desenvolveram mais o aspecto do estudo, ou o do testemunho; outras os diálogos, etc. Numa ampla comunhão, fez-se o ponto da situação sobre a fidelidade à inspiração, sem esquecer as exigências dos dias de hoje.

Uma característica comum vem do idêntico DNA, que as faz ser lugares de testemunho, onde membros das várias vocações da Obra habitam de modo estável. Como esclareceram a Emaús e o Jesús, trata-se de «um testemunho específico da Obra na sua unidade. Na cidadela vê-se a Obra. Não através das casas,

uma característica comum vem do idêntico DNA, que as faz ser lugares de testemunho, onde membros das várias vocações da Obra habitam de modo estável. Como esclareceram a Emaús e o Jesús, trata-se de «um testemunho específico da Obra na sua unidade. Na cidadela vê-se a Obra. Não através das casas,



Friederike Koller e Ángel Bartol, ao centro, com Vita Zanolini e Vitek Valtr

pa do percurso que implicava uma renovada consciência do património que Chiara nos deixou e da sua visão da cidadela como poderoso meio de irradiação.

Na abertura do encontro, exprimindo a sua alegria, a Emaús explicou como se devem ver as cidadelas atualmente: «Com os olhos de Chiara para o desígnio de Deus, a inspiração; com os olhos do p. Foresi para a encarnação; com os olhos de Foco para a humanidade».

Vita Zanolini e Vitek Valtr, conselheiros centrais para o aspeto do «Azul», ponto de referência também para as Mariápolis permanentes, apoiados por



Faro (Croazia)



pedagógicos, arte, desporto, obras sociais).

Deu-se atenção, entre outras coisas, ao modelo de gestão das cidadelas.

A este propósito houve um claro consenso

das empresas, da igreja, mas sim através das pessoas que vivem com Jesus no meio, que vivem o Pacto, os sete aspectos do Ideal, na sua dimensão completa». Desejam ainda que «cada cidadela, porque é Obra, esteja aberta não apenas ao diálogo que corresponde ao contexto em que se situa, mas a todos os diálogos: ecuménico, inter-religioso e com pessoas de boa vontade. É necessário encontrar ocasiões para viver esta abertura». Importante será procurar juntos como chegar a estes objetivos.

Apesar da diversidade quanto a dimensão e consistência, cada cidadela tem a mesma dignidade. Cada uma é completa em si, com a própria fisionomia.

Ao longo do encontro foram apresentadas atividades e possibilidades de desenvolvimento de cada cidadela, assinalando pontos críticos e dificuldades. Houve espaço para comunhão de experiências, para a partilha de resultados de boas práticas, trabalhos por grupos de interesse (escolas gen, pré-escolas de focolarinas e focolarinos, centros de espiritualidade, famílias, formação dos ramos da Obra, relacionamento com o território) e para os projetos culturais específicos (diálogo inter-religioso, ecumenismo, inculturação, Sophia, ecologia, EdC, escolas sociais, pólos

Nação	Cidade	Nome	Habitantes
África			
Camarões	Fontem	CHIARA LUBICH	100
Costa do Marfim	Man	VICTORIA	20
Quénia	Nairobi	PIERO	52
América do Norte			
EUA	New York	LUMINOSA	40
América Latina			
Argentina	O'Higgins	LIA	80
Brasil	Belém	GLORIA	135
	Recife	SANTA MARIA	178
	S. Paulo	GINETTA	200
México	Acatzingo	O DIAMANTE	40
Ásia			
Filipinas	Tagaytay	PAZ	120
Paquistão	Dawal	ESPERANÇA	25
Tailândia	Nakhon Ratchasima	REGRA DE OURO	-
Europa			
Bélgica	Rotselaar	VITA	50
Croácia	Krizevci	FAROL	82
França	Bruyeres	GIULIO	42
Alemanha	Ottmaring	NOVA LEI	120
Grã Bretanha	Welwin G. City	BERNARD PAWLEY	45
Irlanda	Kindarle	LIETA	20
Italia	Loppiano	RENATA	540
Holanda	Marienkroon	MARIENKROON	64
Polónia	Varsóvia	FIORE	39
Portugal	Alenquer	ARCO ÍRIS	45
Rep. Checa	Praga	O PACTO	80
Espanha	Madrid	CASTELO EXTERIOR	35
Suiça	Montet	FOCO	100



Fiore

Vita



© CSC Audiovisivi - Caris Mendes

sobre a necessidade de formas alargadas de responsabilidade, de um estilo de governo partilhado com pessoas de vários ramos. Também a nova configuração da Obra põe questões e requer a aplicação de estratégias territoriais novas, que implicam o relacionamento com a Zona e a própria sustentabilidade económica.

Nem sempre cada uma das cidadelas tem capacidade de, por si só, responder às muitas exigências concretas que precisa de enfrentar. A experiência demonstrou que é mais fácil encontrar soluções numa partilha vital, recorrendo por vezes à colaboração de peritos, se necessário, externos ao Movimento.

Foi reafirmada a exigência unânime de estar em rede: cada cidadela em sintonia com as outras e em sinergia com a respetiva Zona. Esta relação deve ser cada vez mais forte, mais completa, porque é desta osmose que depende o crescimento da Obra. A experiência mostra como é importante a reciprocidade e podem-se encontrar, juntos, pistas importantes para a solução de situações críticas.

«No final do encontro – afirmam os dois Conselheiros – caracterizado por muita comunhão, unidade, abertura sincera, tivemos a nítida impressão de que já não eram 25 cidadelas,

mas uma só Mariápolis, que abrange o mundo inteiro». Graças à sua grande potencialidade, alguém as definiu com uma feliz expressão: «Lugares onde o Invisível se torna visível».

A semana de encontro tornou todos mais conscientes do trabalho a fazer: acompanhamento, constância, transparência, participação em tudo (balanços económicos e espaços). Por isso, um dos temas do próximo encontro de Delegados será precisamente sobre as cidadelas, para continuar a dar forma à luz que brotou neste encontro.

As impressões que os participantes deixaram referem-se ao ter contemplado juntos os frutos de uma profecia de Chiara; de ter descoberto cada cidadela na sua diversidade específica, mas feita «um» no mesmo desígnio; sublinham o importante papel dos jovens, para construirmos juntos o futuro das cidadelas.

Como conclusão, na capela do Centro da Obra, diante do túmulo de Chiara, foi colocado um simbólico ramo de 25 rosas (são 25 as Mariápolis permanentes), todas diferentes, todas «floridas». Imagem que encerra esta semana que muitos definiram de fundação, com o sabor das coisas que permanecem.

ao cuidado da redação

ler mais em Mariapoli *online*
www.focolare.org/notiziariomariapoli

Na Síria Sim à vida, apesar de tudo

Em Damasco, com 80 jovens sírios. Histórias de grande dor e de esperança, de fé heroica no amor de Deus

A 5 de março partimos com emoção para a amada Síria, levando connosco o coração e o amor de todo o Movimento. Aterrámos no Líbano, e de lá nos dirigimos para aquela terra que foi berço de algumas das mais antigas civilizações. Os visitantes do passado chamaram-lhe «jardim do mundo». Evoca grandes Profetas: ali nasceu Abraão.

Após inumeráveis controlos e postos de polícia armada, chegámos a Damasco de noite. Em parte arameia, romana e árabe, em 1979 foi declarada património da humanidade e em 2008 foi escolhida para capital árabe da cultura.

Acolhimento caloroso, jantar de festa no pequeno focolar, com pratos árabes típicos. No dia seguinte, guiados pelos jovens, visitámos a grande mesquita dos Omayyadas

e o Souq al Hamidiyeh, o mais conhecido bazar da cidade. Seguiram-se encontros com as pessoas do Movimento, de modo especial com os jovens.

«Sim à vida, apesar de tudo» é o título do Convénio, que reuniu 80 jovens sírios de 9 a 11 de março e que deixou uma marca indelével no nosso coração.

A Síria vive uma guerra civil extremamente confusa desde 2011, que já custou mais de 250.000 mortos, 11 milhões de pessoas obrigadas a deixar as suas casas, 4 milhões de exilados



para o exterior. A situação dos jovens é um drama: chamados para o serviço militar, podem ficar na milícia até oito anos. Muitos morrem. Nestas circunstâncias, as raparigas veem desvanecer a esperança de formar família...

Escutámos depois histórias de grande dor e de esperança, de fé heroica no amor de Deus. Há quem tenha perdido tudo e viva agora com



a família num campo de refugiados; quem viu morrer as pessoas mais queridas. Não se fazem reuniões para se despedir dos que partem, porque são dolorosas demais: acompanha-se cada um com a oração que, juntamente com o amor, é a respiração vital. Durante um encontro no focolar de Aleppo, a explosão de mísseis e o barulho ensurdecedor dos aviões obrigou a suspender a meditação. Continuou-se com a recitação do Terço. É forte o empenho dos jovens em criar vida à sua volta: organizaram festivais nas cidades, envolvendo milhares de



peçoas, reconstruíram uma escola e um jardim no centro de uma aldeia, que não tinha sido concluído por causa da guerra. Apoiaram dezenas de famílias de refugiados...

Uma rapariga orfã, que vivia numa aldeia, perdeu tudo, casa e haveres; teve que emigrar para a cidade. O irmão, soldado, desapareceu e o mais novo sofre de esclerose múltipla. Um jovem soldado viveu momentos de pavor e de coragem no campo de batalha; teve que defender e disparar e, esmagado pelo stress, desertou; não conseguia aguentar a preocupação pelos pais idosos. Agora pergunta-se se voltar ou não ao exército, porque é forte o seu desejo de defender a pátria. Nos seus olhos límpidos lê-se uma dor infinita; respondendo aos votos de que a paz volte a esta terra, diz que só no Paraíso a terá. Histórias de morte e de vida, transparência, simplicidade e profundidade, festa alegre de cantos e danças árabes lindíssimas...

Jesus Abandonado ressoa com força como o homem mundo, também para nós, em contacto com uma realidade de dor-amor profundíssima. Renova-se o empenho em viver para que todos sejam uma coisa só, como fez Chiara com as suas companheiras sob os bombardeamentos.

Levámos um vídeo de saudações de jovens de muitas partes do mundo, da Emaús e

Jesús: muitos ficaram comovidos e disseram: «O mundo esqueceu-se de nós; vocês vieram trazer-nos o calor da nossa família».

Acompanhou-nos Roberto Almada, especialista em dinâmicas de grupo e relacionamentos interpessoais; aprofundaram-se temas fortes como os sonhos de futuro, as feridas do passado, as possibilidades criativas do presente. Com exercícios dinâmicos, aprendeu-se a distinguir a alegria cristã do mero prazer. Ao nosso coração voltam as palavras de Chiara: «a alegria do cristão é como um raio de sol que brota de uma lágrima, uma rosa que floresce sobre uma mancha de sangue, essência de amor destilada da dor ... por isso tem a força apostólica de um reflexo de Paraíso».

Por aqui passou o apóstolo Paulo, tocado por Deus na estrada de Damasco; vimos a muralha por onde, uma noite, o fizeram descer escondido num cesto para fugir da prisão. Dali, deu início à maratona de difusão da palavra de Jesus pelo mundo fora, entre naufrágios e perseguições.

Nos nossos irmãos e irmãs da Síria encontramos a fortaleza dos primeiros cristãos. Nesta guerra tremenda mantêm a confiança e a esperança e transmitem-nas aos «companheiros de viagem».

Obrigado, Síria, por esta lição de cristianismo vivido! Se tivéssemos que resumir numa só palavra a experiência única, extraordinária que nos fizeste viver, diríamos, sem hesitar: Vida, com «V» grande!

Maria Guaita, Marco De Salvo



Educar é preparar a criança para o mundo

Escolas de formação para educadores de infância, nas três cidadelas brasileiras, realizadas pelos Centros gen4, em colaboração com a Universidade italiana LUMSA e com o Instituto Universitário Sophia

«Falar de educação no Brasil de hoje, com uma visão totalmente nova, é uma verdadeira resposta ao trágico drama da sociedade brasileira. Esta formação é muito importante. Dá-nos nova esperança e leva-nos a fazer alguma coisa pelo nosso País, começando pelas crianças».



Foi o comentário de um professor presente numa das três escolas de formação para educadores de infância, recentemente realizadas no Brasil pelos Centros gen4, em colaboração com a Libera Università degli Studi Maria SS. Assunta di Roma (LUMSA) e o Instituto Universitário Sophia. Participaram cerca de 500 pessoas (peritos, assistentes gen3 e gen4, professores, catequistas, animadores, famílias) de diferentes idades e vocações. Alguns dos participantes, que não fazem parte do Movimento dos



Focolares, apreciaram os conteúdos, sublinhando que são importantes para a formação integral e válidos para todos os âmbitos educativos. Em cada uma das três escolas, um

dos dias foi dedicado à tutela de menores. Estas escolas fazem parte do «EduxEduProject»: educar-se para educar. É um projeto internacional de formação,

para quem trabalha na educação de crianças e adolescentes, promovido pelos centros gen4, com os centros gen3 e Jovens para a unidade.

No Brasil partiu-se da visão de Chiara Lubich sobre as crianças e de reflexões sobre educar

hoje, à luz das palavras do Papa Francisco. Abordaram-se temas muito variados: a relação entre Jesus Abandonado e os formadores, a importância de educar as crianças para a interioridade; falou-se de desenvolvimento socio-afetivo, de promoção da autoestima, desenvolvimento da identidade sexual, do sofrimento na criança. Ofereceram-se elementos úteis para os encontros gen4. «O congresso



deu uma visão nova da psicologia da criança – disse uma voluntária –. Vi a preocupação da Obra para com a infância. Tenho agora um olhar diferente e vontade de fazer alguma coisa na minha cidade. Os temas sobre a psicologia da criança ajudaram-me a discernir aspectos importantes e a não olhar apenas para a parte espiritual. Percebi que educar é preparar para o mundo».

Um dos objetivos das escolas foi promover a centralidade da comunidade na ação educativa, sabendo que, como diz um provérbio ugandês, «para educar uma criança é preciso a aldeia inteira». «Tenho agora uma nova percepção do que é a criança – disse um assistente gen4 –, como deve ser a “aldeia” e o que significa crescer bem. A formação é muito importante. Temos que começar por nos educar a nós mesmos para podermos formar as crianças».

No final de cada congresso realizaram-se jornadas dedicadas às crianças, nas quais participaram 250 meninos e meninas. O Pedro, de 5 anos, contou à mãe que se tinha divertido, feito muitos atos de amor e que gostaria de voltar à Mariápolis Ginetta. Gostaria até de ir para lá viver! Enquanto decorriam as jornadas para crianças, cerca de 300 pais e mães participaram em momentos de reflexão sobre o desenvolvimento das crianças. «A primeira coisa que fiz ao chegar a casa – disse-nos um pai de gen3 e gen4 – foi pedir desculpa ao meu filho por uma reação forte que tive com ele quando tinha dois anos. O meu filho já não se lembrava disso, mas ficou contente com a

Novidade editorial A alegria é contagiosa



Quem são os gen4? Como vivem? São perguntas a que eles próprios respondem. Em DVD realizado pelos Centros gen4, através de testemunhos de várias partes do mundo, apresenta-se a vida de crianças que vivem a espiritualidade da unidade. O DVD reúne também intervenções e testemunhos de assistentes e educadores. A tarefa destes últimos, que comporta alegrias e dificuldades, experiências e novos desafios, é aprofundada também por alguns especialistas, psicólogos e psicopedagogos. Na formação das novas gerações à luz do Carisma da unidade, uma característica relevante é a reciprocidade do amor na relação educativa.

minha atitude. Percebi como é importante pedir desculpa aos filhos».

A viagem foi acompanhada pelo professor Italo Fiorin, docente da LUMSA e diretor da Escola de Alta formação EIS da mesma Universidade. «Entre vocês – disse ele no final – eu vi que existe uma comunidade feita de competências; mas o que vi sobretudo foram rostos, relacionamentos». Para o futuro, gostaríamos de envolver cada vez mais a Obra na





transmissão do Carisma aos mais pequenos, construindo também uma rede de especialistas em várias Zonas, para uma maior coordenação do «EduxEdu Project» nos diferentes Países. Para tal, juntamente com a Universidade LUMSA, considera-se a possibilidade de oferecer a quantos o desejarem, além do certificado de participação no curso, um atestado de competências específicas.

Constatámos com alegria que a realidade gen4 no Brasil é muito viva, graças ao trabalho em equipa entre assistentes gen4, gen3 e adultos, nas comunidades locais. O dado da «arte de amar» está muito difundido. Um gen4 ofereceu um ao seu pai que está na cadeia por tráfico de droga. E agora, ele lança-o todos os dias com os companheiros de cela.

Uma verdadeira riqueza foi construir estes momentos de formação juntamente com a Zona. A participação de peritos brasileiros permitiu apresentar uma visão «inculturada» dos diferentes temas. Além disso, o lançamento do projeto «EduxEdu» numa nação tão variada culturalmente, deu-nos a possibilidade de verificar o projeto sob vários aspectos, especialmente os conteúdos e a metodologia, identificando também o que pode ser melhorado. Criou-se já uma rede que vai dar continuidade e apoio ao projecto neste País.

Anna Lisa Innocenti com os centros gen4

Voluntárias e voluntários no Brasil

Ao serviço da humanidade

750 voluntárias e voluntários de todo o Brasil reuniram-se de 18 a 29 de janeiro na Mariápolis Ginetta. Estavam presentes os delegados dos centros internacionais, Patience Lobe e Paolo Mottironi, com alguns Conselheiros. Um novo impulso para viver a sua vocação ao serviço da humanidade

As voluntárias

«Reencontrámos o entusiasmo de quando éramos gen, a alegria de viver para a Obra, de ser de Deus e de O levar ao mundo, seguindo Chiara nesta nova luz que nos fascina». Iga de Porto Alegre, expressou bem o que viveram as 438 voluntárias, responsáveis de núcleo e pré-núcleo, que se reuniam pela primeira vez, sendo o Brasil agora uma única zona. Provinham de 13 regiões, do Norte ao Sul do País. Dias intensos e profundos, vividos no diálogo e na comunhão, aprofundando os vários aspectos da sua vocação, chamados, hoje mais do que nunca, a abraçar a humanidade e a responder às suas necessidades.





Patience Lobe, delegada internacional das voluntárias, respondeu às perguntas sobre a vocação com muitas experiências. Fazendo-se um eco vivo de Chiara, abriu nelas a «dimensão da Obra». Também as conselheiras Jacqueline Mendoza, das Filipinas,

e Maria Mercedes Ortega, da Colômbia, partilharam as suas experiências, pondo em evidência os frutos de fraternidade semeados pela vida das voluntárias no mundo. A difícil situação sócio-política que o Brasil está a atravessar, envolve profundamente a

vida de todas. Foi muito esclarecedora a intervenção da Vera Araújo, focolarina socióloga brasileira, da Escola Abba, que dela deu uma leitura, pondo em relevo sombras e luzes, que abriram à esperança e contribuíram para que se reforçasse, em cada uma, o amor preferencial por Jesus Abandonado.



Em diálogo com Patience Lobe...



... e com Paolo Mottironi (segundo da esq)

Os voluntários

Eram mais de 300 os voluntários de Deus, provenientes de todo o Brasil, também eles reunidos pela primeira vez, depois desta nova configuração da Obra. No encontro - onde se festejou o 60º aniversário desde o nascimento dos voluntários - tomaram parte Paolo Mottironi, responsável internacional dos voluntários, e dois conselheiros, Silvio Berti, da Itália, e Waldery Hilgeman, da Holanda.

Jesus Abandonado, os instrumentos da espiritualidade coletiva, a atenção aos voluntários que vivem situações particularmente difíceis, foram os principais temas tratados. Em momentos de intenso diálogo e troca de experiências, o Paolo sublinhou alguns aspectos da vocação do voluntário, a encarnação nas realidades sociais a partir das comunidades locais, a importância de formar os voluntários para que se sintam Obra de Maria. Entre os voluntários em formação presentes, 16 inseriram-se no ramo, com uma cerimónia realizada após a celebração da eucaristia. Na última noite, um programa artístico pôs em evidência a riqueza cultural do povo brasileiro, que exprimia a felicidade profunda e a gratidão a Deus pela intensa comunhão entre todos, apesar das diferenças sociais, políticas e culturais.

Geisa Maria Barra Cordeiro, Luis Henrique Marques



Voluntárias do «Extremo Sul» Realizou-se um sonho esperado

**Na Mariápolis Lia, em O'Higgins,
reuniram-se, pela primeira vez, todas as
voluntárias da zona do Extremo Sul**

500 voluntárias de toda a zona do Extremo Sul da América latina (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile): realizou-se um sonho esperado que viu dissolverem-se as fronteiras e experimentar o único corpo!

Momentos importantes que nos permitiram conhecer a vida das voluntárias das várias regiões, nos seus ambientes. Intensa a comunhão com a troca de experiências e o aprofundamento da vida de Humanidade Nova.

No coração um enorme reconhecimento a Lia Brunet, Vittorio Sabbione e aos muitos voluntários e voluntárias que foram as raízes da nossa pequena-grande história, que queremos continuar a escrever. O desejo expresso no título do congresso, de fazer deste ano e sempre «um voo de amor em Jesus Abandonado» foi assinalado, num momento solene, assinando o nosso compromisso renovado.

Escrevemos à Emmaus: «Queremos agradecer-te porque te sentimos connosco a construir esta etapa da nossa história».

*Gabriela Clivio
e as voluntárias
do Extremo
Sul*



O observatório sobre a Pobreza - Leo Andringa (OPLA)

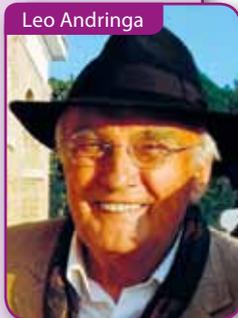
**Um observatório que olha para a
pobreza e para o desenvolvimento,
com as "lentes" da "reciprocidade"**

Para manter viva a memória de Leo Andringa, que foi uma das primeiras pessoas a intuir a delicadeza do processo de distribuições das ajudas aos indigentes, a EdC decidiu dedicar a ele o recém-constituído "Observatório sobre a pobreza Leo Andringa" (OPLA), com sede no Polo Lionello Bonfanti.

O objetivo da OPLA, dirigido por Licia Paglione com a coordenação científica de Luca Crivelli, é recolher as "boas práticas" (internas e externas da EdC) na luta contra a pobreza, desenvolvendo uma abordagem inspirada nos valores da comunhão e da reciprocidade.

OPLA nasceu da necessidade de "monotorizar" os resultados da EdC no combate à miséria. E isto não só de um ponto de vista material, mas também de um ponto de vista relacional, na capacidade que os lucros, transformados em ajudas contra a pobreza, têm para produzir relacionamentos de valor, "bens relacionais", para aqueles que os recebem.

<http://osservatoriopoverta.weebly.com>



Edc e o Papa Francisco

Deem-se **vocês mesmos!**

Um momento histórico para a EdC, a 25 anos do seu lançamento. O encontro com o Papa Francisco assinala uma etapa para o presente e para o futuro, não só para a Economia de Comunhão, mas para a Economia em sentido amplo



Chiara Lubich vos dirigiu no Brasil, quando, perante o escândalo da desigualdade na cidade de São Paulo, pediu aos empresários para se tornarem agentes de comunhão». O Pontífice fala claro e desafia os empresários a

A 4 de fevereiro, 1200, empresários, docentes de faculdades de economia e estudantes, representantes das várias realidades da Economia de Comunhão e pessoas interessadas em vários campos em tal projeto, provenientes de 54 países do mundo, encontraram-se na Aula Paulo VI no Vaticano, para se apresentarem ao Papa Francisco e ouvir a sua palavra.

«Desde há tempo que estou sinceramente interessado no vosso projeto», afirma o Papa, e prossegue: «Economia e comunhão. Duas palavras que a cultura atual mantém bastante separadas e por vezes até considera opostas. Duas palavras que vocês uniram, aceitando o convite que, há vinte e cinco anos



não se contentarem com pouco: «Que o "não" a uma economia que mata se torne um "sim" a uma economia que faz viver, porque partilha, inclui os pobres, usa os lucros para criar comunhão».

Os presentes verificaram uma sintonia total com as palavras do Papa



O Papa Francisco. Quando o capitalismo faz da procura do lucro o seu único objetivo, corre o risco de se tornar uma estrutura idolátrica, uma forma de culto. A «deusa fortuna» é cada vez mais a nova divindade de uma certa finança e de todo aquele sistema de jogos. Um risco que está a destruir milhões de famílias no mundo, de que vocês são um nítido contraste. Este culto idolátrico é um substituto da vida eterna. Todos os produtos (os carros, os telefones...) envelhecem e gastam-se, mas quando se tem o dinheiro ou o crédito pode-se adquirir imediatamente outros, iludindo-nos de vencer a morte.

Compreende-se, agora, o valor ético e espiritual da vossa opção de colocar os lucros em comum. O modo melhor e mais concreto para não fazer do dinheiro um ídolo é partilhá-lo com os outros, sobretudo com os pobres, ou para fazer estudar e trabalhar os jovens, vencendo a tentação idolátrica com a comunhão. Quando vocês partilham e oferecem os vossos lucros, estão a fazer um ato de alta espiritualidade, dizendo ao dinheiro, com os factos: tu não és Deus.

Francisco, pois o projeto da EdC propõe ser um «sim» a uma economia diferente e alternativa ao capitalismo, ao lucro a todo o custo. Luigino Bruni, coordenador internacional do projeto da EdC, revela «que, atualmente, é impensável existir um mundo melhor sem economia, mas um mundo melhor necessita de uma economia nova». É necessário um novo sentido radical do lucro, que deve ser colocado em comum para criar uma riqueza difusa.

O Papa lança depois um convite a semear mais longe, com a estratégia do dom de si: «A Economia de Comunhão terá futuro se a derem a todos e não ficar só dentro da vossa casa. Oferecendo-a a todos, e primeiro aos pobres e aos jovens, que são aqueles que mais precisam dela e melhor sabem fazer frutificar a dádiva recebida! Para ter vida em abundância

é preciso aprender a dar: não só os lucros das empresas, mas vocês mesmos. A primeira dádiva do empresário é a sua própria pessoa».

Um empresário disse: «Pode ser fácil considerar-se já "da parte segura", entre os "valentes", porque se partilham os lucros e se tratam bem os empregados. Aquele "deem-se vocês mesmos" dito pelo Papa sacudiu-me mesmo. Já não posso ficar em paz, tenho que me comprometer pessoalmente».

Um Bootcamp de cinco dias

A audiência com o Papa Francisco estava inserida num evento formativo e informativo, com a participação de cerca de 500 pessoas, que se realizou de 1 a 5 de fevereiro, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. Tratou-se de uma formação e de um frutuoso intercâmbio entre empresários da primeira hora e novos-empresários, guiados pela rede de «incubadoras», já difundida a nível mundial. Luigino Bruni fez um balanço dos primeiros 25 anos de vida de EdC e aproveitou para definir pistas e projetos para o período 2018-2020. Os jovens, presentes num bom número, fizeram propostas interessantes: encontrar-se por áreas



de trabalho e interesse, para conhecer melhor as experiências empreendedoras do próprio setor; oferecer nutrimento e material aos empresários EdC através da rede; tomar nota das exigências e criar instrumentos adequados para manter todos ligados, dar *input* e favorecer as trocas. São 860 as empresas empenhadas, espalhadas em todo o mundo e muito heterogêneas nos serviços que propõem.

Luigino Bruni explicou, nalgumas entrevistas, o modo de agir de tais empresas, prontas a «partilhar os lucros não só entre os trabalhadores mas também fora da empresa, pensando em quem tem necessidade, expandindo a produção para além dos próprios limites, para o bem comum, de maneira não só teórica mas concreta». E observou: «O Papa pronunciou palavras muito fortes como: a economia que mata, que exclui, que descarta, que inquina. Também a Economia de Comunhão, de Chiara Lubich, contém em si uma crítica muito profunda ao capitalismo». «Enquanto as multinacionais falam, mas fazem uma coisa diferente, nós, com toda a calma, queremos ser aquilo que devemos ser».

Pode-se viver uma vida de florescimento humano e de excelência ao ser-se um empresário. Demonstrou-o, dando voz a uma experiência partilhada por todos, um empresário que testemunhou como «ser parte desta rede EdC não é só um modo de fazer empresa, é, antes e sobretudo, um estilo de vida que penetra na nossa família, em tudo aquilo que fazemos. Ser-se empresário atualmente é muito difícil, é uma escolha que requer força». E acrescentou: «decidi fazê-lo porque é deste modo que quero gastar a minha vida». Uma série de escolhas concretas, a começar por aquela de se ser transparente na gestão do dinheiro, tanto no exterior, como no interior, com os trabalhadores. «Trabalhamos seguindo as regras do mercado e das leis, como todos, mas escolhemos colocar no centro a pessoa e não só o *negócio*».



Difundidos nos cinco continentes, os empresários e os dedicados ao projeto EdC, com as suas empresas e associações, muitas vezes vão mesmo contra a corrente, simplesmente ao pagar regular-

mente os impostos e dando um salário justo aos seus empregados. Os empresários de EdC têm a certeza que: «Não podemos guardar só para nós aquilo que recebemos. O Papa confia em nós e por isso devemos ter este mesmo olhar também para quem vive à nossa volta».

Verificou-se que o encontro com o Papa Francisco assinalou uma etapa para o presente e para o futuro, não só da Economia de Comunhão, mas da economia no sentido geral. O convite que nos dirigiu para sermos «sal, luz, fermento de uma outra economia» que não só cura as vítimas de um sistema errado, mas constroi um sistema onde as vítimas deixam de existir, foi recebido por todos com muita alegria e adesão.

a cargo de Rosi Bertolassi

Ver <http://www.edc-online.org/>

Maria Voce. Para o Movimento significa olhar um particular com o olhar universal. No fundo, a Economia de Comunhão não é todo o Movimento, mas é também todo o Movimento porque pode representar todo o carisma do Movimento numa cor, num aspecto, que também é o primeiro aspecto para nós, o aspecto da economia. Mas o que pode fazer o carisma numa cor! Se for multiplicado pelas infinitas cores da atividade humana, o que pode fazer o carisma que Deus deu a Chiara para o mundo hoje! Parece-me, portanto, uma tomada de consciência e um compromisso maior, porque, se pela economia se pode fazer isto, pode-se fazê-lo em todos os campos. E deve fazê-lo, porque o Papa o quer.

Grupos editoriais

Máxima confiança, máxima responsabilidade

O encontro da várias edições de Cidade Nova no mundo.
O convite a ser «vedores», que procuram Deus e os sinais de unidade



© Carlos Mana

«O vosso trabalho é um terreno sagrado, no qual se tem que entrar com delicadeza». Foi muito bom ouvir esta afirmação de Maria Voce aos representantes de 25 grupos editoriais do Movimento dos Focolares, reunidos de 24 a 26 de março em Castel Gandolfo. Foi igualmente confortante o profundo agradecimento expresso pela Presidente às editoras, pelo trabalho importante no Movimento e para o Movimento».

Eram 58, entre editores, redatores e colaboradores de vários tipos, que trataram nestes dias a pergunta difícil: como colocar adequadamente o seu trabalho, num mundo mediático em rápida transformação, para que a «família» mundial dos grupos editoriais dos Focolares possa, também no futuro, realizar bem e de maneira sustentável o seu objetivo? Os resultados dos grupos de trabalho e das sessões em plenário viram tanto a dimensão local como a internacional.

A nível local, os grupos editoriais, nos últimos dois anos, procuraram aproximar-se mais das comunidades do Movimento: este é um trabalho a continuar. Algumas casas editoras realizaram com sucesso projetos para inserir, no trabalho editorial e de redação, colaboradores

e colaboradoras jovens. Será também este um objetivo para os próximos anos. Contudo, é irreversível também o desenvolvimento das tecnologias digitais e das redes sociais, que adquirem cada vez mais importância no campo jornalístico e editorial.

Com grande atenção foi seguida a opção de algumas revistas de *Cidade Nova* - como aquela francesa e argentina ou, ultimamente, aquela de língua alemã - de tratar, de vez em quando, num *dossier* especial, o aprofundamento de uma temática específica. Noutras casas editoras, pelo contrário, está-se a debater seriamente a questão de se reduzir a impressão em papel para se orientar já para o digital. Para todos é muito importante não perder de vista a profissionalidade, que requer uma formação sólida e uma contínua atualização qualificada.

O discurso do co-presidente Jesús Morán sobre os cenários culturais, em que se move hoje em dia o trabalho editorial, foi ouvido com muita atenção. Jesús comparou os comunicadores aos «vedores» (aqueles que sabem encontrar veios de água, até subterrâneos) que «procuram a unidade, Deus, onde Ele está, não para o pregar, mas para o descobrir e falar dele». Segundo Morán, a sociedade está a caminhar para uma era «pós-global». Porque «a globalização não se atuou como esperávamos, e, de facto, sucedeu a muitos níveis, que há alguns que decidem por todos». Nesta nova fase, o Movimento poderia - também através dos seus *media* - oferecer o paradigma da relação, isto é a experiência de um «nós» substanciado de relacionamentos, intercultura e diálogo interreligioso.



Ampla espaço ocupou a questão sobre como aproveitar melhor a riqueza da presença mundial do Movimento, no campo editorial. Várias tentativas dos últimos anos, a esse respeito, demonstraram-se pouco sustentáveis. Nestes dias examinaram-se novas possibilidades técnicas de troca de dados e informações. Uma grande ajuda poderia ser também a «secretaria internacional», que se definiu entre os complexos editoriais. Como modelo, surge o grupo de trabalho composto por seis pessoas de todo o mundo que contribuiu para a comunhão e para o trabalho entre os grupos editoriais, durante os últimos dois anos, e que preparou este encontro. O seu contributo foi considerado tão precioso que se propõe que continue a experiência. Está-se a estudar quais podem ser as modalidades mais eficazes para os projetos internacionais e constituir-se-á um grupo de pessoas que possa aprofundar um projeto.

No diálogo final, Maria Voce admitiu que o trabalho dos grupos editoriais «às vezes não é suficientemente apreciado». «Pelo

contrário, um carisma tem necessidade de um instrumento de comunicação», sublinhou o co-presidente Morán. Por isso, um trabalho editorial próprio dos Focolares é indispensável. O «como» realizar este trabalho é tarefa das editoras. «E nisto pomos em vocês a máxima confiança - afirmou Maria Voce. O "governo" do Movimento permanece perfeitamente aberto a todas as propostas, porque elas nascem de uma adesão responsável, no que diz respeito à própria missão».

De modo particular, a Presidente encorajou os grupos editoriais a envolver colaboradores jovens. «Têm qualquer coisa a dizer», afirmou. E acrescentou que a «intergeracionalidade» deveria tornar-se uma característica particular do trabalho editorial, tanto quanto aquela da internacionalidade.

Joachim Schwind

«Cidade Nova» no mundo

Os 33 grupos editoriais
e revistas do Movimento
dos Focolares
nos vários continentes

América Latina 4
América do Norte 1
Europa Ocidental 9
Europa do Leste 7
África 5
Ásia 6
Médio Oriente 1



Ser Igreja

«Sair do acampamento»

O Encontro dos Bispos amigos do Movimento dos Focolares

O drama dos cristãos na Síria, a fome e a violência nalgumas regiões do Norte do Quênia, as divisões na sociedade e na Igreja de Salvador, e ainda: os desafios para a Igreja numa sociedade secularizada como a da Áustria, a pobreza e a falta de recursos... Estes são alguns dos cenários de onde provêm os participantes no recente Encontro dos Bispos amigos dos Focolares (Castel Gandolfo, 6-10 março). Cenários que se abriam a uma nova esperança, ao contactar com a realidade de Jesus Abandonado, que era o fio condutor do encontro.

Eram 48 os participantes. Outros, nesta primeira semana da Quaresma, estavam empenhados no retiro anual da respetiva Conferência episcopal. Também o Papa Francisco, naqueles dias, viveu os seus Exercícios espirituais, juntamente com Cardeais e Bispos da Cúria Romana, na Casa do Divino Mestre, em Ariccia, no outro lado do lago de Albano.



qual se baseiam os vossos dias de estudo – escreveu – vai ao âmago da nossa fé e do nosso ministério de Pastores, ajudando a dirigir os olhos do coração e do pensamento para Jesus Crucificado». E tirou uma consequência imediata: «Tal olhar impulsiona-nos a “sair do acampamento” (Eb 13, 13) para ir ao encontro das periferias existenciais, culturais e sociais, onde vive a nossa gente». «É ali, com efeito – explicou –, que encontramos de maneira significativa o Seu rosto e podemos cuidar das Suas chagas, que reconhecemos abertas nas incontáveis feridas dos nossos irmãos e das nossas irmãs». Assim «semearmos a alegria do Evangelho, curando as feridas com o bálsamo da misericórdia de Deus, que brota de Jesus ressuscitado, fonte de vida nova para todos».

A Emmaus falou de Jesus Abandonado no carisma de Chiara, respondendo a algumas perguntas: «Como é que Chiara descobriu Jesus Abandonado?», «E como é que se consegue não ficar



Se desta vez não foi possível estar com ele em audiência, o Papa Francisco quis tornar-se presente com uma calorosa carta, assinada por seu punho. «O tema sobre o

bloqueados no sofrimento e passar com Ele à ressurreição?», «Quais são as maiores imagens de Jesus Abandonado que vês na humanidade de hoje, durante as viagens como presidente da Obra. E como é que o Movimento lhes responde?», «O que significou para ti ouvir Chiara falar dos anos difíceis em que a Igreja estudou profundamente o Movimento, antes de o aprovar?», «E de que modo Jesus Abandonado é chave da unidade não só com Deus, mas entre as pessoas? »

Jesús Morán, numa apreciada reflexão histórica, teológica e cultural, falou do Ideal de Chiara como «um carisma para a postmodernidade». Centrado em Jesus Abandonado e em Deus Amor, em Jesus no meio e no «*Ut omnes*», ele responde ao desafio da unidade, num tempo em que a Igreja e a cultura se debatem com um esvaziamento do sentido de Deus, da verdade e da pessoa humana.

Piero Coda, penetrando na génese e na missão da Igreja no Novo Testamento, evidenciou como esta nasceu do trauma do abandono de Jesus na Cruz. Com ele, a igreja é chamada a encontrar a própria segurança e identidade num constante êxodo «fora

do acampamento» (cf. Eb 13); a reviver o seu despojamento para ser «cidade, segundo o Evangelho de Cristo»: que não exclui, mas é aberta e acolhedora (cf. Fil 2); a «fazer-se tudo

a todos», tomando sobre si as consequências, mesmo se trágicas, do agir dos outros (1 Cor 9; Rm 9).

Nesta chave de leitura apresentaram-se os primeiros passos do Centro «Evangeli Gaudium», nascido no âmbito do Instituto Universitário Sophia em Loppiano, que será um laboratório de formação, estudo e investigação, operante na perspetiva da «nova etapa da evangelização» à qual a Igreja é chamada hoje.

Jesus Abandonado, portanto, como luz e como espiritualidade, mas também como doutrina e fonte de uma nova praxis eclesial. Mas tudo isto tem de se basear no compromisso pessoal. Prova disso foram as fortes experiências de alguns Bispos, a começar pela de mons. Klaus Hemmerle, apresentada com um *powerpoint*, e aquela apresentada em ligação WebEx com Beirute, do mons. Armando Bortolaso.

Por duas vezes os Bispos encontraram-se por grupos linguísticos, para momentos de work-shop sobre a pergunta «Com um Deus que ama até ao abandono, que estilo de Igreja e de pastoral?». Foi a ocasião para uma ampla partilha de dores e desafios, mas também de experiências corajosas que geraram comunhão e paz, em situações por vezes desesperadas. Este ligame fraterno foi selado com o pacto de amor recíproco.

Quem pôde, prolongou aqueles dias com uma etapa em Loppiano, coincidindo com o evento «FamilyHighLights» sobre Chiara e a família.

p. Hubertus Blaumeiser



o card.
F. Kriengsak
com a mensagem
do Papa Francisco

Visita ao edifício pontifício de Castel Gandolfo



Para os desafios de hoje

Uma pastoral que nasce do Carisma

**Partilhar experiências de pastoral e extrair linhas de acção.
Cerca de cinquenta participantes no Seminário de 15 a 17 de fevereiro**

«O meu encontro com o Ideal da unidade aconteceu no período da ditadura brasileira, em 1975. Houve duas dimensões do Carisma que marcaram o meu coração: a comunhão dos bens e Jesus Abandonado. Trabalhei, nos primeiros 15 anos da minha vida sacerdotal, com o movimento dos sem tecto e sem terra. Dentro deste contexto, com tantos conflitos, a minha experiência nos caminhos da Igreja foi iluminada pelo carisma da unidade...». O p. Vilson Groh, ordenado nos anos 50, veio do Brasil e, durante a sua vida empenhada no social, «salvou» da rua milhares de rapazes e colocou em rede dezenas de instituições civis para a recuperação dos menores em risco.

Por seu lado, o p. Sergio P. veio da Itália, de uma experiência totalmente diferente. Com 29 anos encontra-se pela primeira vez numa paróquia: «A experiência profunda que fiz foi a de sentir que podia ser fecundo. Sentia no coração como que um chamamento fortíssimo e a possibilidade de responder gerando a comunidade eclesial e nela a Obra. Assim comecei simplesmente a amar quem encontrava na paróquia. Um amor com características novas para mim».

Para o p. Ludovit, da Eslováquia, foi



preciso paixão: «Estando na paróquia e fazendo várias atividades com e para as crianças, adolescentes, jovens e famílias, dei-me conta que deve haver, como primeiro elemento, ao menos uma pessoa apaixonada, isto é, alguém, ou melhor, ainda alguns, com uma paixão dentro para que o amor divino comece a circular entre as pessoas».

Na abertura do seminário mons. Piero Coda, reitor do Instituto Universitário Sophia, resumindo em dez pontos o que vive a Igreja nestes quatro anos após a eleição do Papa Francisco, relembra o desejo de Chiara em deixar como herança só o Evangelho: «O desafio do *kairos* do nosso tempo, neste momento histórico, é viver o Evangelho, como diz o Papa Francisco, para acender o fogo no coração do mundo. Esta é a nossa alegria».

Mas a centelha que faz acender realmente a comunidade é quando o amor que se quer dar se torna recíproco: entre sacerdotes,

Fermo (Itália)



Eslováquia



entre estes e os leigos, entre leigos e leigos. O p. Kelemen, da Roménia, conta: «Cheguei à paróquia de Gheorgheni há dez anos. Ali encontrei algumas pessoas do Movimento, que já tinham conhecido a espiritualidade há alguns anos. Com eles começámos os encontros da Palavra de vida. Depois fomos



à Mariápolis, juntos. Foi a possibilidade, não só de estarmos juntos e de trabalharmos juntos, mas ainda mais: entre nós cresceu o amor recíproco».

Até se chegar a comunidades onde não só pequenos grupos procuram construir a comunidade cristã, mas paróquias inteiras, ligadas entre si na mesma diocese. O p. Mario Cataldi, de Ascoli, conta: «A diocese conta com 120.000 habitantes distribuídos por 70 paróquias. O Movimento diocesano está em 23 paróquias, com uma presença que vai desde comunidades inteiras com 50 a 100 elementos, até pequenos grupos. São cerca de 600 os aderentes das várias faixas etárias que frequentam os encontros. Amadurecemos na vida de unidade participando nos cursos de formação do final do ano, para todas as idades. Obviamente, nestes anos houve milhares de pessoas que se formaram no Ideal da unidade e que continuam a construir a base

de uma comunidade presente em todas as atividades sociais e eclesiais».

E poderíamos continuar, relatando umas vinte experiências da Ásia à América Latina, da África à Roménia, sobre diversos temas: do Liceu Montini em Milão à experiência do p. Ruedi com os refugiados em Basileia (Suíça) ou a de San Nguyen, numa pequena aldeia do norte do Vietname, passando por quem esteve durante anos na escola gen em Loppiano.

São muitas as ideias para uma pastoral que nasce do Carisma da unidade. Foi magistral a comunicação de mons. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de Aquila (Itália), que insistiu que, numa Obra que se intitula de Maria, é essencial que esteja presente aquilo que caracteriza a Virgem: dar vida a Jesus – a encarnação – levando-a a todas as expressões da Igreja e da sociedade. Não de uma forma virtual, mas concreta, através da vida da Obra: «Se eu quero que o Ideal chegue a todos – sugeri – também devo garantir que este instrumento sacramental, que é a Obra de Maria, se constitua e atue. Semear o Ideal dado sem se estar ligado à Obra, corre-se o risco de se dispersar, evaporar».

Um Seminário que abriu horizontes imensáveis para transmitir ao mundo o imenso tesouro que Deus deu a Chiara, para a Igreja e para a sociedade.

A cargo dos centros dos sacerdotes focolarinos, voluntários, gens e secretaria dos Movimentos Paroquial e Diocesano

Pode-se encontrar o material do seminário em: <http://mpmd.focolare.org>, (nome: mpmd, password: orsola), em Notizie e aggiornamenti

Roménia

Vietname



Na nova configuração «Viagem» ao Centro internacional da Obra

Várias tarefas e diversos papéis. Algumas notas para perceber melhor



«Porque é que nas zonas se sabe tão pouco?» A pergunta, posta por Sandro, um focolarino italiano, no sábado 21 de janeiro, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, é legítima. O encontro em que participou é um dos habituais, de ajornamento, da chamada «Mariápolis Romana», uma cidadela que «se vê e não se vê», com a particularidade de conter em si o Centro internacional da Obra de Maria, que está ao serviço de todo o Movimento no mundo. É composta por cerca de 600 habitantes de todas as vocações da Obra, entre os quais as colaboradoras e os colaboradores do Centro e dos escritórios centrais dos vários ramos. As primeiras e os primeiros focolarinos, assim como muitos pioneiros do Ideal, agora têm aqui a sua «casa». Também existem as «casas verde», para quem está a passar um momento difícil por questões de saúde.



A pergunta de Sandro, de passagem naqueles dias, foi suscitada pelo conhecimento de uma comissão (ver box) que se ocupa do funcionamento do Centro da Obra. Em todo o mundo, o Movimento está a tentar adaptar as suas estruturas para se concentrar mais nas suas metas específicas. E o entusiasmo do Sandro deve-se a que ele se empenha seriamente, não só na «periferia» do Movimento, mas também no Centro.

Desde setembro de 2015 que esta comissão trabalha.

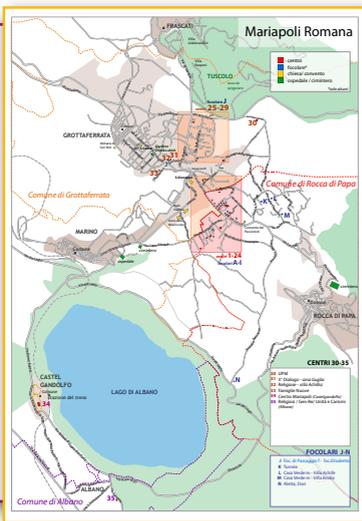
Os trabalhos não partiram do zero, porque nos sessenta anos que a precederam já se deram os primeiros passos. Em 2013 constituiu-se um escritório, com um olhar global sobre os colaboradores, procurando



ter em conta as várias exigências e necessidades. Trata da formação profissional, mas também pensa em como coordenar melhor as tarefas daqueles

que trabalham nos vários setores a tempo parcial. Em 2015 criou-se um escritório central para aquisições e outro para a coordenação técnica.

Com um esforço notável fizeram-se



Comissão para o funcionamento do Centro

Ángel Bartol (Delegado central no Centro da Obra)

Stefania Bustaggi (Secretaria do Conselho no Centro das Focolarinas)

Genny English (Coordenação do pessoal no Centro da Obra)

Alberto Frassinetti (especialista de organização empresarial)

Laly Hernández (Gabinete de imprensa do Movimento dos Focolares)

Friederike Koller (Delegada central no Centro da Obra)

Gusti Oggenfuss (Conselheiro Centrozona DACH, Viena)

Delia Pairetti (Centro Mariápolis de Castel Gandolfo)

Carlos Saura (Conselheiro no Centro dos focolarinos)

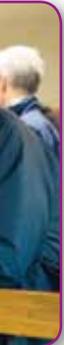
mudanças de muitos dos escritórios e serviços para facilitar sinergias e otimizar os recursos. Por exemplo, os escritórios dos diálogos foram agrupados na mesma casa, assim como as redações dos *media* no Centro. Os vários escritórios do âmbito juvenil (gen, Jovens para um mundo unido, gens e genre), ramos eclesiais (sacerdotes, religiosos e religiosas) ou de empenho social (Humanidade Nova e Inundações) intensificaram a colaboração, muitas vezes até em locais comuns. Iniciaram-se programas de actualização profissional, como sobre a utilização dos computadores e sobre métodos de trabalho em equipa.

Depois da Assembleia de 2014, a reforma das estruturas continuou. Uma das prioridades da presidente Maria Voce é de harmonizar escritórios e serviços do Centro internacional, reforçando a ligação com cada um dos sete «aspectos» e evitando assim uma

certa fragmentação, devido também a motivos históricos. No tempo de Chiara Lubich, por exemplo, a conferência telefónica mensal «Collegamento CH» era um instrumento ligado diretamente à Presidente. Actualmente também este – como os outros *media* – está ligado ao aspecto «Violeta», ou seja, «Unidade e meios de comunicação».

Uma outra necessidade, igualmente importante, é a de ocupar o menos possível focolarinas e focolarinos em tarefas administrativas, para que possam mais livremente exercer a sua vocação de «especialistas da unidade, nas “fronteiras” do diálogo», como expressou o copresidente Jesús Morán. Isto exige ao Centro internacional uma maior funcionalidade da administração e um descentramento dos serviços com a consequente redução de pessoal.

Segundo as Orientações da última Assembleia, o grupo de trabalho desenvolveu critérios para a reforma das estruturas: a fidelidade ao Carisma do Movimento deve estar garantida; as mudanças devem favorecer a comunhão; o importante é o bem de cada indivíduo; segundo o princípio da subsidiariedade, os serviços



centrais devem executar unicamente as tarefas que não podem ser assumidas noutros níveis; todos os passos são examinados segundo a sua sustentabilidade económica; cada proposta deve ter em conta a gradualidade.

Com a ajuda de inquéritos feitos no Centro e nas Zonas e apoiada por vários especialistas, a Comissão procura identificar as tarefas

indispensáveis de cada serviço, para compreender aquilo que é realmente necessário.

Em junho, a Comissão apresentará as suas propostas à Presidente, ao Copresidente e ao Conselho Geral. Em setembro, os delegados da Obra nas Zonas também serão envolvidos neste trabalho.

Joachim Schwind

Palavra de vida

Como nasce o comentário que nos ajuda a viver o Evangelho

«Se por uma hipótese absurda, todos os evangelhos da Terra fossem destruídos, nós gostaríamos de viver de tal modo que se pudessem reescrever o Evangelho com a nossa vida»¹. Esta convicção, exigente, acompanhou a vida de quantos se aproximaram de várias maneiras do Movimento dos Focolares desde o seu início, quando, por causa da Segunda Guerra mundial, «tudo desmoronava». Vivia-se com especial atenção uma «Palavra» de cada vez, era a «roupa» que vestiam quando acordavam. Traziam-na no coração e aplicavam-na sempre que possível.

Chiara Lubich testemunhou-o vezes sem fim, narrando histórias fascinantes de frutos, descobertas, efeitos. Transformações pessoais e coletivas, que não duvidava definir como «revoluções».

«Entrar no Evangelho», pô-lo em prática, encarnar palavra após palavra para se «re-evangelizar». Uma dinâmica que tinha e tem um fim claro: tornar-se «um outro pequeno Jesus que passa pela Terra»². Aqui está o fascínio e o motivo. Hoje como ontem.

Este é o único objetivo do folheto *Palavra de vida*, que traz um comentário a uma frase da *Escrittura*, que muitas vezes trazemos connosco.

Atualmente este comentário tem outras assinaturas e nasce da partilha e da reflexão comum de um grupo de pessoas, de idades, formação, cultura, origem diferentes, que colocam

e voltam a colocar a Palavra no centro da própria vida. Uma espécie de laboratório de onde um dos presentes recolhe o fruto desta comunhão e escreve o texto – neste momento é Letizia Magri* quem o faz – à luz da espiritualidade de comunhão e da experiência que dela fazem os membros dos Focolares. Na prática, tem uma sugestão e um contributo destinado a todos para «abrir a porta» à Palavra e, já desde a entrada, fazer sentir o seu perfume.

«Viver, viver, viver a Palavra» era a paixão de Chiara, transmitida a muitos. Paixão que, devido à sua espiritualidade coletiva, a fazia dizer: «A nós não nos basta vivê-la para nós. Não: é necessário comunicar reciprocamente entre irmãos as nossas experiências»³ desta. Assim, continuava, «evangelizamo-nos», não só pelo esforço pessoal de a viver, «mas para receber em nós a luz e a experiência do outro». Resultado? Evangelizarmo-nos como indivíduos e como comunidade, para ser «cada vez mais Jesus, individualmente e coletivamente».

E onde Jesus vive, também através de nós, o mundo recebe luz e encontra a força de se transformar.

Victoria Gómez

* Focolarina casada, licenciada em Ciências biológicas pela universidade «La Sapienza» em Roma. Na Universidade Lateranense frequentou o curso de master do Instituto João Paulo II, para estudos sobre o matrimónio e a família. Ocupa-se de temáticas familiares em Famílias Novas..

1 Cfr. CHIARA LUBICH, *La Parola di Dio*, Città Nuova, Roma 2011, p. 18

2 *Ecco come vorrei i gen 3*, in «GEN 3», marzo 1974

3 CHIARA LUBICH, *Una via nuova. La spiritualità dell'unità*, Città Nuova, Roma 2002, p. 41

A voz dos Movimentos Ainda e cada vez mais Europa

Para o processo de «Juntos» pela Europa,
Eventos em mais de 50 cidades do continente

«Ainda e cada vez mais Europa» é o lema do encontro em Trieste que, na noite de 24 de março, quis unir-se ao «Juntos pela Europa». Esta rede de Movimentos e Comunidades cristãs de várias Igrejas, na celebração do 60º aniversário dos Tratados de Roma, fez com que se ouvisse a sua voz em 54 cidades europeias, por um continente mais unido.

Os jovens de Trieste falaram com clareza: «Para nós, a Europa unida é uma realidade que não podemos dispensar. É-nos até difícil pensar que antes não fosse assim». A participação dos políticos, a comovedora carta da Comunidade hebraica convidada para a celebração, as amáveis palavras do Pastor adventista, as várias experiências partilhadas, o ambiente festivo de uma comunidade fraterna, foram um encorajador sinal de esperança para o «Juntos...» de Trieste.

Escrevem-nos da cidade húngara de Szeged, reunidos na casa de oração da comunidade batista: «As vivências partilhadas abriram realmente os nossos corações e sentimo-nos parte essencial deste grande sonho que é a unidade».

Os vários momentos de encontro e vigílias, realizadas em 17 cidades da Eslovénia, revelaram um País construtor, na primeira linha, de uma Europa nova.



A Vigília ecuménica e internacional, realizada em Roma, teve realmente um sabor especial. Isto não só por serem quase 800 os participantes das diferentes Igrejas que se reuniram numa antiga basílica, que conserva as relíquias dos Apóstolos, mas também porque a visita dos chefes de Estado e de Governo da União Europeia, com os correspondentes embaixadores, juntamente com os representantes das várias igrejas, atraiu a atenção do Continente inteiro que se concentrou na capital italiana. Esta presença, juntamente com o numeroso grupo dos Movimentos e Comunidades deu uma esperança de que já não está longe a realização do desejo do Papa: «discernir o caminho de um novo humanismo europeu».

Qual poderia ser a contribuição do Movimento dos Focolares neste caminho? Jesus Morán, o copresidente responde-nos: «Penso que a contribuição do Movimento dos Focolares é uma passagem fundamental. Passar da união à unidade. A união é sempre um acordo entre realidades diferentes, move-se também num nível superficial. A unidade é uma coisa mais profunda, tem as suas raízes no próprio ser dos povos. Como Movimento que tem o carisma da unidade, nós podemos ajudar a Europa a dar este salto».

Ilona Tóth



Pelos 500 anos da Reforma Em diálogo com Martin Lutero, no Piemonte

Passados 500 anos do início da Reforma protestante reunimo-nos para testemunhar o caminho percorrido juntos e para continuar este itinerário com uma paixão renovada, inspirando-nos na grande figura de Lutero.



Em Bra, com o pastor Paolo Ricca (a dta)

a seiva que brota da sua teologia, e a simplicidade com que o pastor Heiner apresentou a vida da Comunidade luterana em Itália,

especialmente em Turim, foram um exemplo luminoso de diálogo fraterno.

É interessante realçar que, em Turim, a Igreja luterana é recebida pelos frades menores da Igreja de Sto. António para realizar os seus atos de culto. É uma oportunidade de se viver o ecumenismo prático, com a partilha e participação recíproca, em várias iniciativas.

Em Bra, 150 pessoas vindas de toda a província de Cuneo encheram a igreja barroca Battuti Bianchi. Estava representada a sociedade civil: havia jornalistas, todos os párcos da cidade, o reitor do Santuário de Nossa Senhora das flores, as ordens religiosas da localidade, cidadãos católicos e da Igreja reformada.

O pastor valdense, Paolo Ricca, foi um orador de exceção que, improvisando, comentou o acontecimento. Definiu-o como um momento único, totalmente novo! Uma primavera espiritual, eclesial, cultural.

Foi comum nos dois serões a impressão de se escrever uma página do chamado diálogo ecuménico da vida, e de diálogo do povo que foi lançado, já nos anos 60 por Chiara Lubich.

Como expressou o pastor Bludau «... agora é a nossa vez de reunir o que os acontecimentos históricos separaram, para que vivamos juntos a fé cristã numa Igreja apostólica e universal, como professamos no Credo comum».



Em Turim, à direita, o pastor Heiner Bludau, decano da Igreja evangélica luterana em Itália, com o padre Hubertus Blaumeiser

O Movimento dos Focolares do Piemonte e do Valle d' Aosta, para celebrar o importante aniversário dos 500 anos do início da Reforma, organizou dois serões, no dia 1 de fevereiro: um em Turim e outro em Bra, na província de Cuneo. Oradores de alto nível fizeram de ambos os serões momentos ricos de cultura e profunda espiritualidade.

Em Turim, os 150 participantes seguiram com muito interesse os contributos de Hubertus Blaumeiser, especialista católico de Martin Lutero, e membro do Centro interdisciplinar de estudos «Escola Abbá», e de Heiner Bludau, pastor da Comunidade luterana de Turim e decano da Igreja evangélica luterana em Itália. O título motivador «O que é que Lutero tem para nos dizer atualmente», deu lugar às interessantes intervenções e respostas às inúmeras perguntas de um público atento e interessado.

A forma delicada com que Hubertus propôs a figura poliédrica de Lutero, e introduziu

Daniela Bignone, Fabrizio Fracchia



Em diálogo

Muçulmanos e cristãos, desafio e compromisso

Em Baar, na Suíça, um encontro com 160 pessoas,
para se descobrirem cada vez mais como irmãos

Não foi de todo um momento improvisado o que aconteceu no dia 29 janeiro. O ambiente familiar que se respirava mostrava claramente que os 160 participantes, dos quais pelo menos 90 eram muçulmanos, faziam parte de um entrelaçado de relacionamentos construídos através do tempo e que ali viviam, juntos, uma etapa significativa de um caminho comum.

O programa foi pensado e levado a cabo com um total acordo entre muçulmanos e cristãos de 15 nacionalidades. Entre eles estavam vários Imãs e presidentes das comunidades islâmicas da Suíça, acompanhados por alguns amigos, que vieram da Áustria. O discurso principal, feito pelo professor Adnane Mokrani – teólogo argelino-tunisino, que está em Roma há muitos anos, e trabalha incansavelmente com os Focolares para o diálogo inter-religioso. Com coragem e inteligência apresentou a situação atual e os possíveis numerosos pontos de encontro entre as duas religiões. Das suas palavras percebia-se a estima por aquilo que o Papa Francisco tem feito. «Como muçulmano comprometido no diálogo islâmico-cristão, sinto gratidão ao Papa Francisco, líder religioso mundial, cuja voz se faz ouvir apesar das dificuldades. O Papa defendeu os muçulmanos em vários momentos».

Muitas das autoridades islâmicas foram agradecer a Mokrani por ter expressado o que também eles sentiam.

Gwénaelle Delalande fez um ajoinamento internacional sobre o diálogo segundo o «espírito de Assis» e sobre o encontro dos muçulmanos e cristãos da Obra, na Argélia (v. *Mariápolis* 12/2016) que fortaleceu a esperança num mundo mais unido.

Todos os participantes, mas de modo especial os muçulmanos, tiveram a possibilidade de exprimir a angústia que têm por causa do terrorismo. Houve quem confessasse que se sentiu profundamente compreendido e que este tipo de ambiente permite que se transforme todo o negativo, que se respira nos meios de comunicação e na sociedade em geral.

Foi importante a presença dos jovens, como confirmação de que as novas gerações, diante de radicais no fundamentalismo, sentem a necessidade de viver um diálogo que seja construtivo para o futuro da humanidade.

Uma rapariga muçulmana comentou: «Eu aqui descubro uma vida nova, uma vida reta, justa, cheia de paz. Temos que transmitir este clima ao mundo inteiro». Outro rapaz muçulmano confidenciou: «Redescobri a minha religião».

Paralelamente aos preocupantes atos de violência, postos em evidência pelos meios de comunicação e à perigosa divulgação da intransigência mental, que produz a exclusão, crescem também as ilhas de diálogo e os espaços de paz. Basta que tenhamos a coragem de os criar e também de os saber descobrir e valorizar.

Teresa Wenzel, Markus Moll



Filipinas

Na escola de religiões orientais

Uma das prerrogativas da Mariápolis Paz, de Tagaytay, é ter no seu território uma Escola de religiões orientais (S.O.R.), como centro de formação, diálogo e testemunho, fundada em 1982. Foi fruto de uma ideia de Chiara Lubich, quando visitou a Ásia pela primeira vez



© Roberto Samson

Para encerrar condignamente as celebrações do cinquentenário da chegada dos Focolares à Ásia, reuniram-se em Tagaytay, de 2 a 5 de março, cerca de 200 pessoas, vindas das Filipinas, do Paquistão, da Índia, de Myanmar, da Tailândia, Vietname, China e Taiwan, Indonésia, Malásia, Singapura, Coreia, Japão. Inauguraram o curso: «Harmonia entre os povos e as religiões na atualidade».

Lolita Castillo e Roberto Signor, codiretores do S.O.R, com Nar Plaras e Chun Boc Tay, responsáveis da Cidadela, e quatro conselheiros vindos de Roma: Renata Simon e Francisco Canzani, encarregados do aspecto dos estudos e a Rita Moussallem e Roberto Catalano, do centro para o diálogo inter-religioso, foram os anfitriões que receberam este heterogêneo grupo de investigadores e observadores.

O card. Luis Antonio Tagle, arcebispo de Manila e presidente da Caritas Internacional, na sua intervenção referiu-se ao documento conciliar *Nostra Aetate* e à *Lumen Gentium*, encorajando todos a investigar o que há em comum nas várias religiões no mundo. Afirmou que,

«para que se possa ser agentes de harmonia há que se ser ágeis, abertos à mudança e saber reconhecer a diversidade».

O jovem cardeal sublinhou depois que não devemos temer o desconhecido, mas que é preciso «mediar as diferenças com a aceitação das contradições. Quando nos encontramos perante a possibilidade de confrontações há que preferir o mais débil e atuar com calma e sem pressa, porque há um tempo para cada coisa». Isto não quer dizer não fazer nada, afirmava o Cardeal, assumindo o pensamento de Edmund Chia, ex-secretário executivo para o diálogo inter-religioso da Conferência episcopal asiática: «Os que trabalham no silêncio são como a água, que consegue mudar a forma até das pedras mais gigantescas». Na prática - afirmava o monsenhor Tagle - «a melhor maneira de expressar a verdade é seguir a lei da gradualidade, tornando-se protagonistas da não-violência ativa, trabalhar para a harmonia com o coração disponível para o diálogo, aceitando as diferenças».

As suas palavras encontraram uma grande consonância com a visão e a praxis do diálogo

inter-religioso, que se procura estabelecer no Movimento.

Durante os quatro dias de escola apresentaram-se os quatro diálogos com as várias Religiões. Começou-se com o hindu-cristão, que foi exposto

Os rostos da Ásia na S.O.R.

Roberto Mussi, depois do curso, mandou-me a transcrição do que Chiara Lubich disse, para explicar a alguns dos seus colaboradores mais próximos como é que tinha percebido que eram necessários, para os cristãos e sobretudo para os católicos, os cursos de formação para o diálogo inter-religioso [...]

Voltando a ler percebe-se o que é um carisma e principalmente quem são os carismáticos: são pessoas que sabem ler os sinais dos tempos, antes que os outros se apercebam deles. Agora parece o «ovo do Colombo». É muito evidente que a formação para o diálogo implica trabalhar para o presente e para o futuro da humanidade. Mas, em 1982, quem é que podia imaginar? Chiara viu-o com uma clareza cristalina, no final daquela sua incrível viagem ao Japão, onde falou a milhares de budistas. [...]

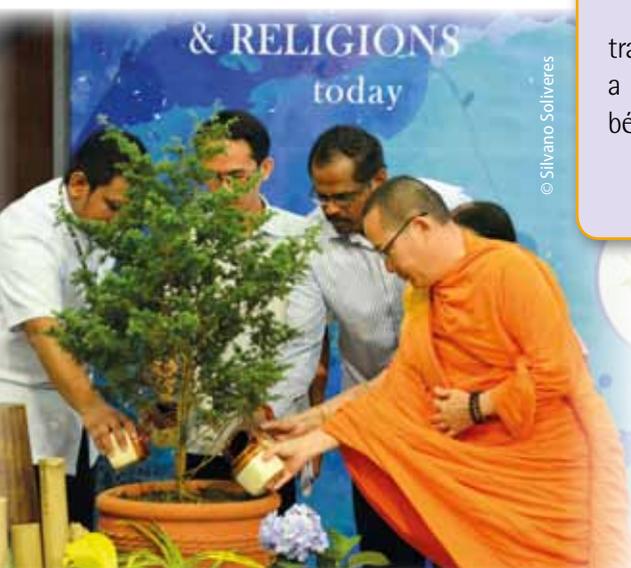
A S.O.R. nasceu desta profecia: uma mulher católica que fala a budistas e intui que, se se quer prosseguir por esse caminho, é preciso que estudemos uns dos outros, é preciso aprendermos as várias culturas e, sobretudo, tem que se perceber de que maneira é possível encontrarmo-nos. [...] Por detrás dos rostos desta S.O.R. está a realização dessa profecia de Chiara. Profecia dificilmente previsível e imaginável e até difícil de acreditar. Houve quem tivesse a coragem de aceitar o desafio e, ano após ano, sem fazer ruído, a S.O.R. formou dezenas, centenas de pessoas a acreditar que é possível o diálogo, e isto sobretudo na Ásia.

Aqui não faltam os problemas mas, como magistralmente afirmou o card. Tagle, pode-se experimentar a possibilidade da harmonia e por isso mostrar, também ao resto do mundo, que o diálogo é possível.

*do blog de Roberto Catalano em www.cittanuova.it
<http://whydontwedialogue.blogspot.it>*

Alguns especialistas, entre os quais o filipino fr. Am Mijares, conduziram um profícuo intercâmbio de experiências sobre o diálogo com o budismo, nas quais vinham de relevo os aspectos comuns e as diferenças, que não diminuíam o

pelo bispo filipino Roberto Mallari, decano da S.O.R., que descreveu o seu desenvolvimento desde 2001 até hoje. Foram muito interessantes os testemunhos dos amigos hindus, o dr. Meenal Katarnkar de Anam Prem, o da doutora Lalita Namjoshi de KJ Somaiya e as experiências no âmbito social com os projetos comuns entre o Movimento dos Focolares e os Movimentos de Gandhi, no sul da Índia (Shanti Ashram).



© Silvano Soliveres



impulso do desafio pelo diálogo. O fr. Raph Ling, de Taiwan, fez uma apresentação do taoísmo e do cristianismo, que depois foi completada pelo focolarino Chiarretto Yan, que salientou o ponto de vista da cultura chinesa.

A intervenção do fr. William Larousse, que é autor de vários livros sobre o diálogo com o islão e especialista da FABC (Federação Asiática de Bispos Católicos) foi muito rica e foi seguida de uma dança-oração ritual, típica do povo *tausug*, feita por uma família muçulmana. O evento terminou com a assinatura de um documento, que subscreveu o compromisso de todos os participantes em viver a «Regra de ouro», num caminho de paz e reconciliação, de solidariedade e inclusão.

Jose Aranas

Em diálogo

A dor partilhada

Uma reflexão feita com os nossos amigos de convicções não religiosas, sobre o sentido da dor

Porquê a dor? O que fazer quando ela bate com força à nossa porta? São perguntas a que, mais tarde ou mais cedo, temos que responder. Porque o sofrimento, como Chiara escreve, «é o segundo pão do homem». É um componente tão intrínseco ao ser humano que se torna «a possibilidade de nos podermos compreender, entre humanos de convicções diferentes, precisamente devido à nossa comum vulnerabilidade e à consciência de sermos finitos».

Foi o que afirmou Marina Sozzi, tanatologista e especialista de bioética, uma das relatoras do Congresso «O sentido da dor», que se realizou em Gandolfo de 24 a 26 de março de 2017, com 200 participantes de todos os continentes e de várias culturas.

A dor é uma experiência a que não podemos escapar, e que não podemos delegar noutros. Não há nada tão pessoal como o sofrimento: a dor física, a dor afetiva e mental, a dor quando nos assalta a solidão existencial que muitas vezes acompanha a nossa vida, a dor social... «O sofrimento pode levar-nos a fecharmo-nos em nós mesmos ou a abrimo-nos aos problemas dos outros», comentou a Emmaus, Maria Voce. É

precisamente o sofrimento, visto como a chave de abertura para o outro, que ela sugeriu, o tema mais complexo e delicado de todos os outros, que, durante os três dias de trabalho, os adultos e jovens, profissionais e especialistas quiseram aprofundar.

Através da contribuição de especialistas de



várias disciplinas: psicologia, medicina, filosofia, arte, etc. refletiu-se acerca do impacto com o sofrimento, nas suas diferentes facetas, para, na partilha de ideias e experiências, se descobrir o seu sentido. Foi nesta intensa e sentida comunhão que, no final, os participantes puderam chegar a uma conclusão amplamente partilhada: «O relacionamento, a relação, a partilha, a participação, são as atitudes que melhor conseguem dar um sentido, tanto pessoal como social».

Luciana Scalacci, que foi uma das primeiras a fazer parte da rede de pessoas de convicções não religiosas que, ao redor dos focolares, surgiu há mais de 30 anos, confirmou: «...quando me vi em perigo de vida, em situações de saúde escuras e gravíssimas, tive a força de acreditar na minha cura pela proximidade de muitos amigos, que me transmitiam afeto e partilhavam a minha dor».

Contudo, há uma atitude pessoal que temos que ter perante o sofrimento, declara a Damjana Zupan, da Eslovénia. É uma psicóloga que não tem referências religiosas: penetrar com coragem na dor, conhecê-la e aceitá-la. Desta maneira, e com uma experiência pessoal, explica: «...cada encontro com a dor deu-me a conhecer que, sem o sofrimento, eu nunca teria podido descobrir que o fim da dor é o amor».

Mas quais são os sofrimentos que devemos combater e quais devemos assumir? Foi unânime a certeza dos presentes: poderiam evitar-se grande parte das dores sociais, com uma conscientização política que incida a nível da vontade das pessoas e as oriente à justiça e ao bem comum. Na prática, temos que nos comprometer pessoalmente também no âmbito civil, vencer



o que está mal com o bem, transformar o ódio em amor para com o próximo, e tudo isto independentemente de qualquer credo religioso.

Vai neste tom também o encorajamento de Jesus Morán: «Crentes e não crentes – afirmou o copresidente do Movimento dos Focolares – podem caminhar unidos para ir ao encontro das necessidades da humanidade, no momento em que, ao assumir o

sofrimento dos outros, criam uma espécie de transcendência leiga, o que é possível por meio de experiências comuns de dor e de amor».

Esta tese foi confirmada também pela experiência do Pierre, um dos participantes, que é francês: «Embora não tenha uma fé religiosa eu acredito no carisma de Chiara. Um acreditar que se expressa de maneira laica, ao tentar realizar o sonho de construir a fraternidade no Mundo. Vejo que, quando se compreende esta ideia, tudo se abre, caem todas as barreiras».

Há ainda as dores pessoais, que não se podem evitar, sobre as quais se detém o médico Piero Taiti: «Ao ler no Evangelho a narração da paixão de Cristo, vejo uma história de violência contra um homem, imposta por outros homens ... Aquele grito: "...porque me abandonaste?" é a ausência de relacionamento, abandono... Também atualmente a solução para o sofrimento inexplicável está no relacionamento, temos que manter esta humanidade. Ninguém deve ter que nos perguntar: "porque que é que me abandonaste?". Significaria que nós renunciáramos a ouvir, a ajudar, a ver». Ninguém deveria jamais ser abandonado na sua dor. É talvez esta a mais forte mensagem do congresso: só o compartilhar consegue dar um sentido à dor, seja ela pessoal ou social.

A cargo de Vida Rus e Andrew Camilleri

Gen3 de Angola Como num concerto



«O País é grande», contam os gen3 angolanos, «há grandes distâncias entre as províncias. Apesar disso procuramos manter a comunicação e a partilha constante com os focolares. Para muitos de nós participar no congresso é mesmo um desafio, porque a situação económica do nosso País não ajuda».

Já desde novembro, toda a comunidade ajudou a preparar o congresso.

Quarenta e quatro rapazes vieram das várias partes do território nacional, 11 assistentes e o padre capuchinho Gabriel, com quem diariamente os gen animavam a Missa na igreja da aldeia vizinha. Chegaram à lindíssima ilha do Mussulo, um lugar ideal para passar juntos os últimos dias do ano (de 27 de dezembro de

Ao mesmo tempo que se realizava o congresso dos gen3 europeus, realizou-se o congresso nacional dos gen3 de Angola, na Ilha do Mussulo

2016 até ao dia 1 de janeiro de 2017).

Através da experiência e da descoberta de Jesus Abandonado, que uma das primeiras companheiras de Chiara, a Dori, contou num vídeo, os rapazes conheceram e puderam viver um dos pontos mais importantes da vida gen, que é o tema deste ano.

«Conseguí perceber bem o tema do ano, disse o Hildo. O que me impressionou foi que todos os assuntos estavam relacionados com este tema, porque amar Jesus Abandonado é abraçar a necessidade do outro».

Com a ajuda do padre Gabriel e a dos assistentes, de facto, foi possível apresentar os aspectos fundamentais da vida gen3, ouvir a história da

beata Chiara Luce Badano e conversar sobre alguns dos importantes temas atuais em relação à utilização dos meios de comunicação e o problema da pornografia.

Não faltaram os momentos de brincadeira, de desporto e, sobretudo, os momentos musicais, que fizeram lembrar o que o Agostinho Spolti, que é o responsável central para os gen3, lhes disse na mensagem que lhes mandou: «Os gen3 devem viver como se fizessem um concerto, onde cada um deve ser um instrumento bem tocado, de maneira que, quem os vê, possa dizer: "Olha! Ali está Jesus no meio!". É assim que sucede no concerto, quando todos tocam bem os instrumentos, ali há harmonia».

Os gen3 de Angola



Na Nicarágua

A comunidade consolida-se

Um original grupo de pessoas vindas dos mais variados lugares para, juntas, viverem na comunidade que se torna protagonista

«Vem, vou-te apresentar umas pessoas que estão sempre felizes». Foi assim que o Felix, um rapaz nicaraguense de 13 anos, falou com a Dayana uma sua amiga de 15

O querer construir aquela «família» entre todos, como Chiara indicou no seu testamento espiritual, foi o elemento sobre o qual esta original convivência tomou for-

por nos encontrar com a comunidade, para lhes confirmar que eram eles os responsáveis da Obra na Nicarágua e, ao mesmo tempo, para lhes garantir que não estavam sozinhos. Nos dias seguintes encontrámo-nos com pessoas de todas as vocações, idades e profissões. Muitas delas traziam fruta, pão, queijo, um saco de peixe, que ofereciam não tanto a nós, como pessoas, mas a Jesus que estava presente, pelo amor recíproco vivido entre nós.

Mas os melhores “frutos” eram mesmo as pessoas, que vinham para estar connosco, quer viessem pela primeira vez ou que já conhecessem a Obra, mas que não tinham continuado a experiência e que vinham agora para nos dizer que «voltavam a casa», que tinham decidido recomeçar, na unidade, a sua corrida para Deus.

O Jorge continua: «No sábado do último fim-de-semana fizemos um encontro com os jovens, onde estava a Dayana, que não nos conhecia. Pouco depois de terminar



anos, para lhe contar que, de 19 de Janeiro a 6 de fevereiro, estaria um focolar temporário em Manágua. É mesmo original a sua composição: Óscar, que é um focolarino casado e a sua esposa, Marissa (que vêm periodicamente da Costa Rica para acompanhar a comunidade), Daniel e Rosa, uma família-focolar da Argentina, pais de quatro filhos que vêm pela primeira vez a Nicarágua, Paolo (italiano) e Jorge (da Costa Rica) do focolar de São José (Costa Rica). Devia vir também Roberto, do focolar de Bolonha, mas ficou em Itália porque partiu um braço.

ma. Viviam na distinção a nível de habitação, mas na mais plena unidade durante as atividades que se faziam na “casita”, que era o focolar.

Foi precisamente a herança de Chiara vivida que impulsionou e difundiu o Ideal, com toda a sua potência e novidade de vida, nos nicaraguenses que se uniram nesta extraordinária aventura.

O Paolo conta: «A comunidade de Manágua recebeu o focolar temporário com um grande calor, preparou cuidadosamente a “casita” e criou espaços nas suas casas para nos receberem. Começamos

o encontro, vimo-la voltar à "casita" com mais sete amigos, que não tinham conseguido chegar a tempo do encontro. Quando se despediu, ela disse-nos: "Quando cá voltarem, eu trago-vos um povo".

Oscar e Marissa explicam: «No domingo de manhã, começámos com um encontro de famílias, contemporâneo ao dos gen3 e gen4. À tarde, uma festa que selava a experiência que, para nós, estava a

terminar, mas que iria continuar com pleno vigor na comunidade, que já se tinha tornado protagonista».

*Oscar e Marissa Porras,
Daniel e Rosa Schiavone,
Paolo Di Biase, Jorge Valerio*

Novidades do CSC média

Os Excluídos

O CSC média acaba de finalizar um vídeo um pouco diferente dos habituais materiais de formação.

Pedimos ao Heraldo Souza, focolarino brasileiro que o presente

O título é *Scartati - os Excluídos*.

Três histórias reais de três artistas: Alessio De Caprio, italiano, Rafael Reyes Loyo do México e Sarah Finch, da Grã-Bretanha.

São histórias de quem é ou se sente excluído pelos outros ou pela própria vida. Os protagonistas, no auge do seu sofrimento, depararam-se com Jesus que na cruz grita: «Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?». Como «excluídos» descobrem que são «escolhidos» por Deus para passar da morte à vida, da dor ao Amor, como está escrito em alguns textos de Chiara Lubich, que intercalam as histórias.

Como é que este projeto nasceu? Cheguei ao CSC média em fevereiro de 2016. O centro de audiovisuais do Movimento questionava-se sobre como elaborar novas formas que expressassem a riqueza do carisma de Chiara Lubich. Partilhei o meu sonho que nasceu da paixão que tenho pelo cinema e... por Jesus



Abandonado. Durante a escola dos focolarinos, da comunhão com outro focolarino, partilhada com o Michel Vandeleene, começou a tomar forma um projeto audiovisual, que depois tivemos que suspender. Foi como se Deus nos pusesse em «pausa». Este projeto renasceu no CSC média.

Como foi a realização? Partilhar esta ideia foi um desafio: temos sensibilidades, culturas, linguagens diferentes. Este vídeo não devia comunicar a minha visão sobre Jesus Abandonado, mas a visão de Jesus entre nós. Lemos e releemos o material que elaborámos, numa dinâmica de dar e receber. O projeto transforma-se e cresce com o contributo de muita gente. As imagens de duas das obras de Ciro, focolarino escultor, viajam através do vídeo com as palavras das meditações de Chiara.

Como é que se fará a distribuição do produto? No site www.focolare.org/scartati está o trailer e o link para os meios de comunicação. O vídeo está disponível em italiano, espanhol e inglês em DVD ou como ficheiro. Contacto: scartati.csc@gmail.com

a cargo da redação

Card. Miloslav Vlk

Um grande legado a receber. De padre lavador de vidros a Cardeal e moderador dos Bispos amigos dos Focolares

No dia 18 de março, em Praga, o Card. Vlk, com 84 anos de idade, foi para o Céu, depois de uma doença que ele aceitou com um espírito de fé e viveu, totalmente dedicado àquele Deus que tanto amou, durante a sua vida. Devido à originalidade da sua história nos tempos do socialismo, à profundidade da sua alma, e às muitas funções que desempenhou, no espírito de colegialidade, entre Bispos e na unidade com o Santo Padre, o Car. Vlk foi uma das figuras mais conhecidas e amadas do nosso tempo, na Igreja Católica e noutras Igrejas.

Depois da licenciatura, o jovem Vlk deixou o trabalho de arquivista para estudar teologia e tornar-se sacerdote. Durante uma viagem à RDA (a Alemanha de Leste, na altura) alguns sacerdotes falaram-lhe dos Focolares e o Miloslav abraçou, com entusiasmo, a espiritualidade de comunhão que proclamavam. Aquele jovem padre, culto e com uma grande influência sobre os jovens, irritava o regime comunista, que não lhe permitiu exercer as funções sacerdotais. Reduzido ao estado de leigo, pediu a Chiara para viver no focolar de Praga. Chiara concordou e deu-lhe uma Palavra de Vida: «*Pro eis sanctifico me ipsum*» [«Por eles me santifico» (Jo 17,19)]. Trabalhou durante dez anos comum balde, um cabo de madeira e uma esponja, a lavar as montras das lojas nas ruas de Praga. «Não



podia pregar nem administrar publicamente os sacramentos - recordava o Cardeal - mas olhando para a cruz, percebi que o meu Sumo Sacerdote, Jesus, quando estava na cruz, quase não conseguia falar e tinha as mãos pregadas». Uma senhora lembrava-se de o ter visto algumas vezes, de chapéu enterrado na cabeça e com óculos escuros, pousar o cabo e arriscar, depois de ter olhado ao redor, «a confessar no passeio da rua ou a falar com pessoas com dificuldades».

Com o desmoronar do regime (1989), voltou a ser pároco. Em 1990, foi sagrado Bispo com o lema que ele escolheu: «*Ut omnes unum sint*» (Jo 17,21) e, em 1991, foi nomeado Arcebispo de Praga. De 1992 a 2000 presidiu à Conferência Episcopal Checa e, entre 1993 e 2001, foi presidente do Conselho das Conferências Episcopais. Em 26 de novembro de 1994 ascendeu a Cardeal.

Depois da morte do Bispo Klaus Hemmerle, em janeiro de 1994, Chiara pediu-lhe para assumir o papel de moderador dos Bispos amigos dos Focolares, função que desempenhou durante 18 anos, convocando e orientando os numerosos encontros, para Bispos Católicos e de várias Igrejas, que se realizavam em Castel Gandolfo (Roma) ou noutros importantes locais internacionais. Em janeiro deste ano, recebeu, com surpresa, por ter sabido da sua doença, um telefonema do Papa Francisco.

«Foi edificante - escreveu a Emmaus ao dar a notícia da partida de Vlk aos focolares - a forma como viveu este último período em que, pouco a pouco, as suas forças diminuían Estava numa



Os Bispos Klaus Hemmerle e Miloslav Vlk com Chiara Lubich



continua atitude de gratidão a Deus pelas dádivas que d'Ele recebeu e, de modo especial, pelo carisma da unidade».

Um coro de orações acompanhou o Miloslav nos seus últimos dias: da comunidade diocesana, dos membros dos Focolares, dos amigos de várias denominações cristãs, de hebreus e de muçulmanos com os quais, durante muitos anos, o Cardeal fez um caminho de diálogo. A médica, uma voluntária que o acompanhava, para além de o ouvir muitas vezes dizer: «Obrigada, obrigada!» disse que as suas últimas palavras foram: «O maior Rei é Jesus sobre a cruz».

No telegrama de condolências, dirigido ao Card. Dominik Duka, Arcebispo de Praga, o Papa Francisco, entre outras coisas, escreveu: «Recordo com admiração a sua tenaz fidelidade a Cristo, apesar das privações e das perseguições contra a Igreja, assim como as suas fecundas e múltiplas atividades apostólicas, incentivadas pela vontade de testemunhar a toda a gente a alegria do Evangelho, promovendo uma autêntica renovação eclesial, fiel e sempre dócil às inspirações do Espírito Santo».

Na Missa solene, celebrada na Catedral de Praga, o Card. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, Arcebispo de Bangcoque, que lhe sucedeu no cargo de moderador dos Bispos amigos dos Focolares, trouxe a saudação de todos eles, afirmando que, para todos, o Card. Vlk foi um amigo, um irmão e também um pai. Nos nossos encontros, fazia com que se experimentasse a frescura do Evangelho vivido e a alegria de se ser, com Jesus, uma família de verdadeiros irmãos. No espírito do Concílio Vaticano II, promoveu, de forma incansável, a unidade entre os cristãos e a comunhão entre os Bispos e com o papa. Obrigado, Miloslav, obrigado

por nos teres mostrado, com o teu testemunho heróico, o que significa colocar Deus em primeiro lugar e qual é o segredo para que a Igreja seja cada vez mais bonita, unida e viva!»

«Agradecendo e dando graças a Deus pela preciosa dádiva que o Card. Miloslav foi - continuava a Emmaus no telegrama aos focolares do mundo - pensamos que ele esteja já no seio do Pai, juntamente com Chiara e com o D. Hemmerle, confiando-lhe a Igreja, a Obra de Maria, especialmente o Ramo dos Bispos Amigos».

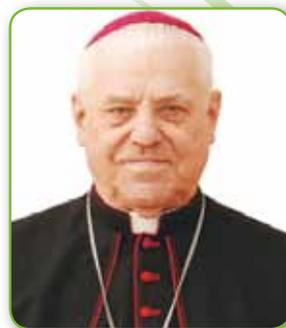


Lund (Suécia), 31 de outubro de 2016. O Card. Vlk e o Card. Kriengsak Kovithavanij, com o Bispo luterano Krause (segundo da direita) na abertura do ano das celebrações dos 500 anos da Reforma

D. Jozef Zlatňanský

«Verdade, justiça, amor»

D. Josef, também conhecido por P. Giuseppe, foi um dos jovens seminaristas eslovacos com talento que, nos anos 1945-1947, foram convidados pelo seu Bispo para estudar em Roma. Com a implantação do regime comunista, que impediu que regressasse



à sua pátria, o P. Giuseppe tornou-se capelão em Tavodo, uma aldeia do Trentino. E foi aqui que veio a conhecer a espiritualidade da unidade, que procurou divulgar o mais possível. Em 1964, voltou para Roma para ser secretário de um notável teólogo e, entretanto, dá a conhecer a Roma cristã e também o Movimento, em contacto estreito com os "Encontros Romanos",

aos poucos grupos de turistas eslovacos que visitavam a Cidade Eterna. O mesmo aconteceu, em 1969, com um grupo de jovens que vieram passar uma semana a Roma e a quem o P. Giuseppe continuou também a formar, num verão em que os reencontrou na Eslováquia, prometendo mandá-los a Palavra de Vida através da Rádio Vaticana. Uma promessa à qual permaneceu fiel durante dezenas de anos.

Por causa das suas grandes capacidades, foi convidado pela Congregação da Doutrina da Fé. A partir de 1984, passou a exercer o cargo de Sub-secretário, tornando-se assim um dos mais próximos colaboradores do então Prefeito Card. Ratzinger. Em 1997, foi nomeado Bispo e Secretário da Comissão Pontifícia Permanente da Europa Oriental. O lema Episcopal que escolheu foi: «Verdade, justiça, amor».

D. Zlatnanský tinha uma relação muito próxima com Chiara Lubich, a quem acompanhava também em importantes eventos, tais como o Doutorado *h.c.* em Teologia, que lhe foi conferido, em 2003, pela Universidade de Trnava (Eslováquia).

Em 2006, o P. Giuseppe voltou para a sua cidade natal, na Eslováquia. Apesar de mais limitado nas forças físicas, em colaboração com outros peritos, ofereceu-se para traduzir para o Eslovaco o Catecismo da Igreja Católica. Recebia com muita abertura e alegria quem ia visitá-lo a sua casa, em Topolcianky: era um encontro com um pai. No passado mês de janeiro, adoeceu gravemente. A Emmaus, que foi logo informada pelos focolarinos eslovacos, pediu-lhes para manifestarem a D. Zlatnanský a sua gratidão por tudo quanto ele fez por toda a Obra. A sua partida para a Casa do Pai aconteceu no dia 11 de fevereiro, aos 90 anos de idade. Na Missa do funeral, D. Viliam Judák, Bispo de Nitra, disse: «Temos a impressão de não nos estarmos a despedir só de uma pessoa, mas de uma inteira geração de sacerdotes e religiosos». Realmente podemos dizer: «Obrigado P. Giuseppe e... até breve».

Martin Uher

Antonia Benaglio

«Procurai, antes de tudo, o Reino de Deus e a Sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo» (Mt 6,33)

A Antonia nasceu em 1930, na província de Bérghamo (Itália) e, aos 14 anos, devido à morte da mãe, teve que deixar de estudar para tratar da família. Com 21 anos, descobriu a espiritualidade do Movimento e ficou fascinada com a realidade de Deus Amor: «Naquela noite não dormi - escrevi - e quando, às cinco horas, tocaram os sinos, levantei-me silenciosamente. E quando a primeira Missa estava para começar, eu estava num confessional, coisa que eu não fazia já há alguns anos». Na sua primeira Mariápolis, descobriu que o objetivo da Obra é contribuir para a realização do testamento de Jesus «Que todos sejam um».



«Percebi - prosseguiu - que também eu tinha nascido para aquela página de Evangelho e que, tendo apenas uma vida, não podia senão gastá-la pela unidade. E nunca mais voltei atrás».

«Estou no focolar há treze dias - escreveu a Chiara, de Milão, no dia 4 de outubro de 1959 -, e agradeço a Deus, com toda a alma, a dádiva da vocação da qual nunca, como nestes dias, senti a grandiosidade». E a seguir: «No Pacto, que renovo todos os dias, coloco nas tuas mãos a minha reconsagração a Jesus Abandonado pelo "Ut omnes"». A sua vida Ideal foi caracterizada por uma profunda caridade e por dar espaço aos outros, valorizando-os. Em 1979, mudou-se de Milão para Turim, como co-responsável de zona, cargo que assumiu com humildade, sabedoria e um grande coração, até 1992, confiando todos a Deus. Depois de um período na secretaria de Chiara, foi eleita Conselheira do Centro da Obra, para o aspecto da Comunhão de bens, Economia e Trabalho, até 2008, juntamente com Bruno Venturini (Ver Mariápolis 7-8/9).

Nos últimos anos viveu no focolar «Casa Agape», em Loppiano. A doença, que já há algum tempo a tinha atingido, interferia na sua vida diária, privando-a de algumas capacidades intelectuais, mas sem nunca lhe retirar a capacidade de amar. Estava, de facto, sempre em doação e serviço, incansável no seu desejo de ajudar, numa atitude afável que gera família. E quando, nos últimos dias, já não podia cantar, com a sua maravilhosa voz, as laudes a Maria, as focolarinas fizeram-no por ela, à volta da sua cama. No dia 21 de fevereiro, depois da celebração da Eucaristia, passou com serenidade da Terra ao Céu, deixando como herança um amor constante por Deus e uma contínua e silenciosa doação ao próximo.

Gianni Caso

Um homem de leis que fez do Evangelho a lei da vida

Focolarino, magistrado, homem de grande cultura, o Gianni nasceu na Campânia (Itália), em 1930. Ao mesmo tempo que estudava jurisprudência e trabalhava "no duro" como funcionário judicial, por ter uma sólida formação cristã, tornou-se responsável dos jovens da Ação Católica, em Nápoles. Depois da licenciatura, durante o serviço militar, conheceu um focolarino que lhe ofereceu a assinatura de *Città Nuova* e, em 1959, participou na Mariápolis de Fiera di Primiero. Num inflamado discurso de Bruna Tomasi (uma das primeiras companheiras de Chiara), o Gianni descobriu no Ideal uma consonância especial com a vocação leiga, civil e política que sentia no seu coração. Quando se tornou magistrado, foi nomeado juiz no Tribunal de Milão, local por ele escolhido para poder aprofundar o conhecimento da vida do focolar. Em 1965, frequentou a Escola de focolarinos em Loppiano e depois retomou o seu trabalho de juiz, vivendo no focolar.

Em 1968, passou a exercer as funções de juiz no Alto Adige, onde se dedicou ao Movimento Humanidade Nova que estava a nascer. Foi

nomeado membro do Tribunal de Recurso de Roma, no Centro do Movimento. Apesar de ser ainda muito novo, foi-lhe confiado um delicado e arriscado processo de recurso das Brigadas Vermelhas, por causa do sequestro e morte de Aldo Moro, um importante político italiano.

Todos os dias, um carro blindado vinha buscá-lo e, no fim do dia, vinha trazê-lo ao focolar. A seguir, no seu carro, ia à Missa. Um dia, sem pensar, mudou de percurso, e evitou assim ser sequestrado por terroristas que o esperavam no caminho que percorria todos os dias.

O Gianni continuou a trabalhar para Humanidade Nova, realizando iniciativas importantes sobre a problemática da justiça, em Itália e na Europa, e ainda sobre as questões do mundo prisional. Fez viagens à China e à América Latina, transmitindo a sua experiência no campo humano,

ético e jurídico. Quando foi nomeado para o Supremo Tribunal de Justiça, Chiara escreveu-lhe: «... faço votos de que o teu trabalho seja sempre animado pelo Ideal. A exigência que sentes de crescer e de viver em plenitude (...) é, sem dúvida, uma graça que recebeste: procura, pois, corresponder a este dom de Deus, Gianni!. Estou contigo neste teu novo cargo».

Nos primeiros anos de 2000, o Gianni comprometeu-se a acompanhar de perto um grupo de estudiosos e profissionais da área do Direito: foi assim que nasceu a "inundação" «Comunhão e Direito» que, no decurso dos anos, tem organizado congressos internacionais, encontros, e *Summer Schools*, dedicadas especialmente aos jovens.

Escreveu a Chiara «... Na procura de um fundamento para a vida que nos escapa, - de uma consistência eterna para esta humanidade que - como disseste - está sempre a estragar tudo, parece-me que tu deste uma resposta definitiva e absoluta com o mistério de Jesus Abandonado. É Ele a resposta aos eternos problemas do homem (...) é Ele a fonte da sua nova criação, da sua eterna regeneração (...) Cristo não me chamou (...) a uma perfeição humana, mas a uma perfeição divina, ou seja, a descobrir a altura, a profundidade, a largura,



a grandeza do mistério de Cristo = mistério escondido, ao longo dos séculos, em Deus (...). Não desejo escolher Jesus Abandonado pelos frutos de ressurreição que d' Ele derivam, mas por Ele mesmo, por amor a Ele, porque quero amá-Lo...»

Quando, em 2015, deixou a "inundação", o Gianni continuou a seguir, à distância, os trabalhos, a escrever, a estudar, a questionar-se, até ao último instante. Com a notícia da sua morte, ocorrida no dia 16 de março, aos 87 anos, foram inumeráveis os ecos que chegaram de todos quantos o tinham conhecido e amado: familiares, magistrados e trabalhadores da área da justiça, gente simples. Testemunhos de reconhecimento a um homem da lei, que fez do Evangelho a lei da sua vida, deixando-se conduzir especialmente por uma Palavra de Vida, que Chiara tinha escolhido para ele: «Quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos» (Mc 10,44).

p. Marino Merlo

«Jesus no meio, único Mestre»

Missionário dos Oblatas de Maria Imaculada (OMI, o p. Marino conheceu o Ideal no princípio dos anos cinquenta, na Mariápolis de Fiera di Primiero. Toda a sua vida foi constantemente orientada para construir a presença de Jesus no meio, «único Mestre», como muitas vezes gostava de dizer. Viveu sempre num profundo relacionamento com Deus, na construção paciente da comunidade e na formação das pessoas.

Nos anos que viveu na comunidade de Marino (Roma), graças ao carisma da unidade, partilhado com os outros oblatas, encontrou o paradigma adequado para iniciar algo de totalmente novo: «Quando começámos, em 1967-68 - recordava - eram os anos da contestação global, em que todo o passado parecia desmoronar, mesmo no seio das nossas instituições religiosas. Em pouco tempo, as casas de formação dos oblatas fecharam. Era preciso recomeçar. Estávamos nos primeiros tempos do Concílio Vaticano II, era preciso deixar as seguranças do passado e começar um caminho novo: uma graça que nos esperava». Começou assim uma extraordinária aventura

destinada a trazer de novo oxigénio aos oblatas de toda a Itália. O p. Marino foi nomeado Mestre dos Noviços, cargo que ocupou até 1983, quando se tornou superior geral. Alguns anos depois, durante os quais visitava e orientava os missionários OMI italianos, espalhados pelo mundo, foi para o Centro de formação de Frascati - Vermicino, para continuar a dedicar-se à formação. Foi uma atividade que iniciou na sua juventude, quando estava na comunidade de Florença e realizou durante toda a vida. No dia 23 de maio de 2016 chegou ao Céu, com 87 anos de idade. «Jesus, obrigado por me teres revelado o teu Amor Abandonado - escreveu em 2007. Jesus, hoje o meu "sim" é por este Amor que tu queres viver em mim... peço-Te apenas para me ajudares a reconhecer-Te logo...». Em março de 1972, escreveu: «Dentro de poucos dias será Sexta-Feira Santa: reconsagrar-me-ei a Jesus Abandonado como se fosse a primeira vez. Vejo que tudo é tão novo e diferente! Em Jesus Abandonado o mundo inteiro pertence-me como uma imensidão de Amor... E agora compreendo porque é que a minha vida de consagrado e de sacerdote deve ser um licor destilado de Jesus Abandonado: quanto amor!».

O Centro dos Religiosos



p. Luigi (Gino) Galante

*«Nós pusemos a nossa esperança no Deus vivo»
(1Tm 4,10)*

Sacerdote focolarino de Matera (Itália), homem de cultura, professor e teólogo, o p. Gino estava sempre atento às necessidades dos mais fracos e dos mais humildes. Generoso, alegre, pastor trabalhador, pessoa de referência para muitíssimos jovens, punha na base de todos os relacionamentos



o saber ouvir, a gratuidade, a dádiva.

Desde o seu encontro com o Ideal, em 1968, esteve sempre nos encontros no Centro. Muitas vezes orientava os cânticos, com a sua grande capacidade de participação. Durante muitos anos foi responsável de Zona dos sacerdotes focolarinos.

Em 1977, escreveu: «Jesus no meio é realmente o paraíso na Terra. N'Ele, tudo se torna claro e toma forma, n'Ele e por Ele tudo se unifica: a minha vida pessoal, a vida de unidade, o apostolado. Ele é a espinha dorsal da minha vida, fruto do amor total ao Único Esposo e à Desolada. É a escolha que renovo mil vezes, todos os dias».

E em 2002: «Com o passar dos anos, com as derrotas de todos os géneros, interiores e exteriores, com algum achaque que limita as minhas

forças, sinto sempre Jesus Abandonado como o único bem, a estrela polar da minha vida. É Ele que unifica os estilhaços, espalhados e às vezes obscuros do meu mundo interior. É Ele a mola poderosa que me faz saltar para as infinitas ressurreições do momento presente». E ainda, em 2013: «Acho que em mim cresceu a forma de me ancorar a Jesus Abandonado: Ele é a minha luz e a minha força, mesmo nas minhas fraquezas. "Tu és a minha vida, não tenho outra": repito-Lhe isto um número infinito de vezes, com as palavras de um canto que ressoa muitas vezes na alma».

No dia 5 de março, com 78 anos de idade, o p. Gino subiu ao Céu nos braços do Senhor.

p. Carlo Santoro

p. Giuseppe Suman

*«Eu não sou deste mundo»
(Jo 8,23)*

No dia 26 de fevereiro, o p. Giuseppe, sacerdote focolarino de Verona (Itália), chegou à Mariápolis Celeste, aos 65 anos de idade. O nome novo que Chiara lhe deu é Giuseppe de Jesus Abandonado. E assim foi a sua vida, desde 1976, pois, devido a um acidente de carro, ficou com problemas para o resto da vida. Em 1998, na altura de um transplante de fígado, escreveu a Chiara: "Enquanto entrava para o bloco operativo e ouvia o tilintar dos ferros dos médicos e via as suas expressões, disse para comigo: "Também aqui, apenas o puro amor", depois "Jesus pensa Tu nisto". Senti-me conduzido por Jesus no meio e nos braços de Maria. Nos últimos instantes, repeti "Porque és abandonado, ofereço-Te a minha vida pela unidade". Quando acordei na nova vida, só conseguia dizer: "Um puro ato de amor em Jesus Abandonado todos os dias e todas as noites". Estou muitíssimo contente por ser um "popo" e quero viver ainda mais pela unidade».



O p. Giuseppe não queria que a sua doença fosse um fardo e, apesar do cansaço, continuou a servir fielmente as pessoas que lhe estavam confiadas, distinguindo-se por uma extraordinária capacidade de diálogo, também com pessoas de outras convicções religiosas. O seu rosto, sempre

luminoso, espelhava o seu segredo mais precioso: um amor incondicional a Jesus Abandonado.

p. Cesare Ronconi

Maria da Encarnação Lopes Nunes da Silva

Uma santidade evangélica visível

A Encarnação era uma voluntária de Faro. Era casada e tinha duas filhas. O seu amor, generoso, paciente e com uma grande humildade, sentia-se até no silêncio. Toda a sua confiança estava na força da unidade e na oração. Há alguns anos decidiu abrir as portas da sua casa e o terreno ao redor, para a realização de um acampamento dos jovens do Movimento.

Elio Lucchi

«Construir a paz,
testemunhando o amor»

Nasceu em Cesena (Itália), em 1919. Apesar das dificuldades daquela época, o Elio conseguiu formar-se e encontrar um trabalho num banco. Trabalhou na Ação Católica, dedicando-se à educação cristã de rapazes. Gostava muito de música e dirigia os cânticos nas assembleias litúrgicas. Do seu casamento com a Irma nasceram quatro filhos. Numa conferência na paróquia, veio a conhecer os pontos da «arte de amar» que Chiara tirou do Evangelho, e decidiu pô-los em prática em todos os relacionamentos, em especial com os colegas de trabalho e os clientes. Rapidamente se tornou um ponto de referência para muita gente. Com assiduidade, participava na vida da Obra e tornou-se um voluntário.

Quando chegou à idade da reforma,



ofereceu-se para ensinar canto e música nas escolas primárias, cultivando nos alunos a paixão pela arte. A sua devoção a Maria levou-o a intensificar a oração e as visitas, com a Irma, aos santuários marianos. O profundo amor deles para com Deus fê-los estar sempre abertos às necessidades de muita gente. Em 2009, o Elio viveu o difícil momento da morte da Irma, que ultrapassou na certeza do amor de Deus e dos irmãos. Não podendo movimentar-se sozinho, comunicava com os amigos através do telefone, reservando uma particular atenção para aqueles em sofrimento ou sós.

Até quando a saúde lho permitiu, participava todos os dias na Missa e, quando deixou de o poder fazer, Jesus Eucaristia era-lhe trazido por um ministro extraordinário da comunhão. No dia 13 de dezembro, com 97 anos de idade, voltou para a Casa do Pai, juntando-se à Irma e a muitos amigos que com ele viveram para construir a paz, testemunhando o amor.

Gian Paolo Palmieri

Em janeiro de 2016, sofreu um AVC que a deixou com bastantes limitações, entre elas a impossibilidade de falar. Quando as voluntárias iam visitar, o seu olhar tornava-se logo expressivo e atento. «Nós falávamos e ela, com um ligeiro movimento da cabeça, e apertando a mão a uma de nós, correspondia. Rezámos com ela a Maria e ela, com a sua mão, fez deslizar, uma a uma, as contas do seu terço».

Depois de um breve internamento no hospital, no dia 18 de fevereiro, com 81 anos de idade, Deus chamou-a a Si. O seu pároco, a quem a Encarnação dava a Palavra de Vida, quis celebrar, de imediato, uma Missa por ela: «... era uma pessoa discreta - disse -, com um amor muito delicado. Tinha uma capacidade para aceitar o sofrimento fora do comum. Podemos dizer que a santidade evangélica era bem visível nela».

Michela Vaz Patto



p. José Varas

Coluna da Obra na
Espanha

O p. José, de Madrid, primeiro sacerdote focolarino da Espanha, voltou para o Pai, no dia 28 de janeiro, com 87 anos de idade. Quando conheceu o Ideal (1966), empenhou-se de imediato em vivê-lo. Fê-lo de tal modo que se tornou - como testemunhou o co-presidente Jesús Morán -: «uma verdadeira coluna da Obra, em Espanha, com um *sensus ecclesiae* muito especial».

Amado por todos - sacerdotes, leigos, pobres, ricos, operários, políticos - com a sua gargalhada alegre, conhecida em toda a diocese, conseguia resolver muitas dificuldades. Foi pároco em várias paróquias e, durante três anos, foi diretor espiritual do seminário de Madrid. Depois, durante 13, foi vigário episcopal. Durante muitos



anos, foi também delegado dos sacerdotes focolarinos da Espanha. O amor a Jesus Abandonado era o seu amparo em todas estas responsabilidades, para as quais se sentia sempre impreparado, a ponto de pedir a Chiara para ser substituído. Mas ela encorajou-o a continuar, dando-lhe a Palavra de Vida «Ó minha força, a Ti cantarei hinos, pois Tu, ó Deus, és a minha fortaleza, o Deus que me tem amor (Sal 59, 18).

Na cidadela 'Castello Esteriore' (próximo de Madrid), o p. José conseguia fazer com que sacerdotes e seminaristas, que vinham de férias ou de visita, se sentissem em casa. Em mais de 60 anos de sacerdócio distinguiu-se pelo amor especial pelos sacerdotes mais idosos e doentes, e pelos pobres. Nos últimos anos, devido a uma doença degenerativa, mudou-se para uma residência de sacerdotes doentes. Movido pela paixão pelo «*Ut omnes*», contava a quem o ia visitar o segredo da sua serenidade: «Pareço-me com Jesus na cruz, estou muito limitado, mas isso não me faz ficar triste... Não posso fazer nada, nem falar, nem andar, nem escrever... Só posso rezar... Para cada um há um plano de Deus. Estou contente por saber que estou nas Suas mãos». Quando foi internado no hospital, à pergunta se queria renovar a sua consagração a Jesus Abandonado, respondeu: «Estou de pé!». Foram as suas últimas palavras. A ele podemos verdadeiramente confiar, como escreveu o Ángel Bartol, delegado central da Obra: «os sacerdotes da Espanha e, em especial, os focolarinos».

p. Francisco T. Tomas Rodriguez

Zygmunt Frackowiak

*Um dos primeiros construtores da
Mariápolis Fiore, na Polónia*

Nascido em Poznan, aos 18 anos, o Zygmunt começou a trabalhar nas minas subterrâneas. Trabalho que fez durante cerca de 30 anos. Chegado à idade da reforma, com a sua mulher, a Lidia, mudou-se para a Mariápolis Fiore para dar início, juntamente com as focolarinas, à cidadela polaca. E, enquanto a Lidia se ocupava da cozinha, preparando as refeições para os numerosos grupos

de visitantes, o Zygmund cuidava da manutenção da cidadela, tornando-se um ponto de referência para tudo o que dizia respeito às construções e ao ambiente.

Ultimamente foi-lhe diagnosticada uma doença grave, mas o seu organismo forte e uma terapia atempada e adequada deram esperanças de cura.

No entanto, antes do Natal, a sua saúde piorou. Com a aproximação da sua partida para o Céu - que aconteceu no dia 29 de dezembro, com 80 anos de idade - o Zygmund estava rodeado de toda a comunidade da cidadela, grata a Deus pela dádiva da sua vida e pela sua herança espiritual, impregnada de unidade.

Na Missa do funeral, concelebrada por sete sacerdotes, participaram pessoas de toda a Polónia, tendo algumas percorrido mais de 400 km. Na homilia, foram salientadas as suas muitas virtudes, à imitação de Maria, tais como a simplicidade nos relacionamentos, bondade, humildade, serviço, complementadas pelo espírito de sacrifício e pela dedicação ao trabalho, virtude que o Zygmund aprendeu com S. José.

Stanislaw Grochmal

Maria Mugnai

Um amor simples e constante

A vida da Maria, voluntária de Montevarchi (localidade próxima de Loppiano), foi cheia de dificuldades, sobretudo físicas (mas não só), que a colocaram à prova desde o seu nascimento. Ninguém acreditava que ela sobrevivesse mas, pelo contrário, conseguiu-o. Não só quando era recém-nascida, mas também nas muitas batalhas que teve de travar mais tarde e que venceu, permanecendo sempre na caridade, minimizando as dificuldades e encontrando o positivo.

Tinha cerca de 30 anos quando encontrou a espiritualidade da unidade, que a fez permanecer fascinada por causa da resposta que deu aos seus muitos sofrimentos, e que descobriu como um reflexo dos sofrimentos de Jesus sobre a cruz. Com generosidade, lançou-se a viver a aventura do Evangelho que a



Giuseppe Ricci

*Um testemunho
da vontade de Deus*

O Giuseppe nasceu na região de Arezzo (Itália), numa família de agricultores. Devido à sua forte predisposição para o estudo, conseguiu licenciar-se e tornar-se um talentoso professor do ensino secundário e mais tarde de um Liceu. Nos anos oitenta conheceu a Antonella, casaram-se e os dois aderiram ao Movimento. O Giuseppe, para agir com radicalidade na sua escolha de Deus, tornou-se um voluntário. Apesar da sua notável cultura, por causa da sua humildade, da sua simplicidade e da sua bondade de alma, sentia-se o menos importante entre os irmãos do núcleo de Florença, no qual estava inserido, comparando-se muitas vezes com o operário da última hora.



Em 2009, Jesus Abandonado apresentou-se-lhe em grande estilo: devido a uma isquemia cerebral, perdeu por alguns dias a visão. Recuperou, a ponto de se sentir miraculado, mas seguidamente os episódios isquémicos repetiram-se e, em maio de 2016, começou a ter problemas de locomoção. No dia 15

de dezembro, o encontro de núcleo realizou-se na sua casa e, pela primeira vez, encontrámo-lo sentado no sofá. Passada uma hora, com um evidente sofrimento e, com um fio de voz, pediu desculpa por não poder continuar connosco, assegurando-nos que oferecia tudo pela nossa unidade.

Alguns dias depois foi internado no hospital, onde continuou a testemunhar a sua predisposição para querer fazer a vontade de Deus. No dia 28 de dezembro, com 78 anos de idade, voltou para a casa do Pai.

Pino Tasca, do centro dos voluntários

levou a empenhar-se, com humildade e sabedoria, nos vários âmbitos da vida social e eclesial. No voluntariado hospitalar conseguia movimentar-se com respeito e delicadeza: «Há doentes - escrevia em 2002 - que não têm ninguém e não querem comer. Uma senhora estava calada e não respondia nem sequer quando lhe perguntei o nome. Olhando pelo canto do olho para o seu "crachat" e vendo como se chamava, disse-lhe: "força Margherita!" Sentindo-se chamada pelo nome, aceitou que a ajudasse e, quando a cumprimentava, não cessava de me mandar beijos!».

A Maria tinha um amor especial pelos jovens e muitas vezes rezava para que descobrissem e soubessem abraçar com generosidade a sua vocação. O seu amor era simples e constante, a sua fidelidade conquistava toda a gente. Durante mais de dez anos, trabalhou na paróquia como ministro da Eucaristia, construindo com os doentes e as suas famílias verdadeiros fragmentos de fraternidade. A Maria partiu para a Mariápolis Celeste no dia 2 de janeiro, aos 79 anos de idade.



Aurelia Nembrini

p. Gerhard Hönig

«Obedecendo à verdade, sereis purificados e então podereis amar-vos sinceramente como irmãos» (1 Pd 1,22)

O Gerhard nasceu na região de Heidelberg (Alemanha). Aos vinte anos entrou no seminário e foi naquela altura que conheceu o Movimento. Ordenado sacerdote, e em 1959 participou na Mariápolis de Fiera di Primiero. Quando era pároco em Obrigheim construiu uma nova igreja e albergou, por três vezes, a Mariápolis, dando assim a oportunidade a muita gente sua conhecida de se aproximar do Ideal. Em 1975, estando na Escola de sacerdotes, em Frascati (Roma), escreveu a Chiara: «Pude beber a água pura do teu carisma. Gostava de me tornar um focolarino. Gostava de ser fiel a esta vida também quando voltar para casa».



Como sacerdote focolarino, empenhou-se no Movimento Paroquial, tornando-se um ponto de referência para a Zona e para toda a Alemanha. Inesquecível ficou a famosa «gara aemulamini» entre paróquias que, graças ao seu incansável trabalho, suscitava muita vida cristã. No âmbito dos sacerdotes do Movimento, o p. Gerhard era responsável pela comunhão dos bens, que praticava e difundia com fidelidade e energia, sublinhando a importância da cultura do dar.

Mas, há alguns meses, surgiu a doença, que ele reconheceu logo como um convite precioso para o encontro com o único Esposo. Com fidelidade, submeteu-se aos tratamentos que todavia se revelaram ineficazes. Nas últimas quatro semanas foi transferido para o serviço de cuidados paliativos, onde toda a gente se maravilhava com as idas e vindas das pessoas que o visitavam e que, muitas vezes, cantavam para ele e com ele as canções da Mariápolis. No dia 3 de dezembro de 2016, aos 85 anos, levantou voo para Deus.

p. Joachim Dauer



Anna De Rosa

«Na tua vontade está a minha alegria»
[Sal 119 (118),16]

Natural de Gaeta (Itália), casada com Salvino e mãe de três filhas, entre elas a Elga (que também se tornaria

uma empenhada paroquial), a Anna teve os primeiros contactos com o Ideal em 1975, frequentando um pequeno grupo da Palavra de Vida, orientado pelo pároco. Atraída pelo novo estilo de vida evangélica que lhe foi proposto, aderiu com entusiasmo: iniciou assim a sua aventura de empenhada do Movimento Paroquial, que naquela altura estava a começar, e no qual envolveu muitas outras pessoas.

A Palavra vivida impeliu-a a trabalhar ativamente na Caritas paroquial. Sempre na linha da frente, era solícita e assídua onde existisse uma necessidade para satisfazer, um sofrimento para aliviar, ou uma situação crítica a ultrapassar.

Participou com entusiasmo em muitos encontros de formação no Centro da Obra, cada vez mais consciente da grandeza da dádiva recebida, através do Ideal. Nos últimos anos, as suas precárias condições de saúde não permitiam que saísse de casa. A fidelidade à Eucaristia e um amor predileto por Jesus Abandonado, como uma verdadeira filha de Chiara, são o seu conforto, até ao fim da sua existência nesta Terra, que ocorreu no dia 21 de dezembro de 2016, aos 94 anos de idade.

Franca Mitrano e Tony Fusco

Antonio Garcia Rubio

Um enamorado da vontade de Deus



Voluntário da Espanha, o Antonio mudou-se para Madrid para estudar Direito e começar,

na capital, a sua atividade de trabalho. Casou-se com a Paca e, graças à filha Loli (naquela altura uma gen3 e agora uma focolarina), conheceram o Ideal da unidade. Sobre a sua primeira Mariápolis, o Antonio escreveu: «Foi uma descoberta de Deus Amor. Senti profundamente a segurança e a confiança de ser amado por Deus e que o caminho para chegar a Ele era, e é, o homem. Por isso, tenho que amar todos os próximos que Ele colocar ao meu lado, todos os dias».

A nova espiritualidade provocou nele uma profunda conversão: ir contra a corrente, viver o perdão, construir relacionamentos impregnados de misericórdia. Tendo-se tornado um voluntário, colocava ao serviço da Obra os seus talentos, as suas capacidades e a sua experiência humana, dedicando-se aos Centros Mariápolis e à editora *Ciudad Nueva*. Durante algum tempo foi co-responsável de Humanidade Nova da Zona. Era comovente a sua integridade, honestidade, responsabilidade, inteligência, humildade, sabedoria, hospitalidade e o saber «criar família» com toda a gente, a começar pela sua família. Muito dedicado às realidades sociais, ajudou a criar várias cooperativas e também a desenvolver a EdC na Zona.

Não faltaram os momentos difíceis, como a morte de um dos filhos, num acidente de carro, e a doença degenerativa de Paca, que o Antonio conseguiu superar com um amor cada vez mais profundo a Jesus Abandonado.

Em setembro, a descoberta da doença obriga a um internamento imediato. A sua total docilidade à vontade de Deus, como procurou fazer durante toda a vida, e o seu subtil sentido de humor conquistaram a estima e o afeto do pessoal hospitalar. No dia 24 de dezembro, com 84 anos de idade, com grande serenidade, partiu para o Céu, deixando uma exemplar herança de fidelidade, quer como cristão quer como filho de Chiara Lubich.

Juan Badia



Francesco Crivelli

Um «santo» da porta ao lado

Na noite de 10 de dezembro de 2016, o Francesco - voluntário desde os anos 90', de Lugano

(Suíça), ex-responsável dos voluntários da Zona - partiu para a Mariápolis Celeste, aos 60 anos de idade, rodeado pelo amor da Marina, a sua mulher, e dos seus cinco filhos. Secretário da Câmara Municipal, trabalhava com competência e dedicação, fazendo frutificar também ali a sua escolha de vida evangélica, que o levava cada vez mais a «desaparecer» para dar espaço aos outros.

Há sete anos, quando a doença surgiu, o Francesco teve de deixar o trabalho. Superou com dignidade também a perda de dois netinhos e, no momento em que foi tomada a decisão de suspender os tratamentos e de viver em casa o tempo que lhe restava, confia-se totalmente a Jesus Abandonado. As pessoas que o vão visitar ficam convertidas com a sua grande serenidade de alma. Do focolar de Lugano, escreveram: «O Francesco foi mestre na aceitação de todos os sofrimentos das mãos de Deus. Ele nunca deixava indiferente quem o visitava. Nos últimos tempos,

a sua casa tornou-se um santuário, uma casa sempre aberta, que tinha sempre um lugar disponível à mesa».

No funeral, a igreja estava cheia de gente para celebrar o seu nascimento para o Céu, como ele tinha recomendado aos familiares e amigos: «Nada de lágrimas, só festa». O conselho pastoral agradeceu ao Francesco pela pessoa exemplar que era, quer como cristão quer como cidadão, e o pároco falou dele como um «santo» da porta ao lado, que, através da sua vida, irradiou a luz do Ressuscitado.

Pino Tasca do centro dos voluntários

Hildegard Angenheyster

Um cristianismo sem "ses" e sem "mas"

Uma das primeiras voluntárias de Aachen (Alemanha), a Hildegard era ainda estudante quando conheceu o Movimento. Desde então, a Palavra de vida tornou-se o ponto final da sua ação, convicta de ter encontrado, no carisma de Chiara, o caminho para viver um cristianismo autêntico, "sem ses e sem mas". Tornou-se catequista e relatora para a formação de adultos - era esta a sua profissão. Reunia os cristãos "em busca", formando-os na vida da Palavra. Muitos deles, de variadas formas, encontraram o seu caminho no Movimento.

Como relatora, e mais tarde como diretora dos seminários de atualização da diocese, foi colaboradora muito próxima do Bispo Klaus Hemmerle. Nas mais variadas manifestações, a Hildegard encontrava sempre maneira de apresentar a espiritualidade dos Focolares e o seu serviço à Igreja no mundo, dando assim um forte testemunho da Obra.

Tratar dos relacionamentos e empenhar-se nas situações de necessidade, eram as suas prioridades. A unidade era o motor e a base dos seus múltiplos relacionamentos sociais e pessoais.



Ajudava-a a fazer com que toda a gente que encontrava experimentasse o Deus vivo, Deus-Amor: na Igreja, que amava muito, no ecumenismo, num grupo de homens muçulmanos, criado por ela...

Depois de se ter reformado, sentiu o impulso de iniciar, na catedral de Aachen, ao meio-dia, um momento de oração e de meditação, iniciativa que ainda continua e que a Hildegard levou por diante até ao aparecimento da doença. A sua vida nesta Terra terminou no dia 4 de março de 2016, aos 86 anos de idade, depois de um abraço longo e misterioso a Jesus Abandonado, que deu muitos frutos, evidentes na ocasião do funeral e que causaram muita admiração por parte de muita gente.

Doris Spitzer



Michel Garel

Ativo na caridade, discreto, humilde

O Michel nasceu em Lyon (França) numa família em que os pais tinham uma relojoaria. Por causa de uma doença degenerativa do pai, e como era o mais velho de cinco filhos, aos 15 anos, deixou os estudos para ajudar a mãe na loja. Com trinta anos casou-se com a Lucile e também eles tiveram cinco filhos, entre os quais o Alex, que agora está no focolar, na Argélia. Quando conheceu o Movimento, a Lucile tornou-se uma voluntária enquanto o Michel, muito empenhado no trabalho e muito participativo na paróquia, só participava em alguns encontros. O filho mais novo, com síndrome de Down, morreu poucos meses depois de ter nascido, uma perda que se transformou numa forte experiência de amor. De acordo com os quatro filhos, o Michel e a Lucile adotaram a Myriam, uma menina também com síndrome de Down e, mais tarde, o Gérard, com problemas de caráter. A casa deles estava sempre aberta aos pobres, aos estrangeiros, às pessoas sós, a quem ajudavam também através da Associação dos Comerciantes. Os negócios, porém, não corriam bem. O Michel teve de fechar a loja e mudar a família para Toulouse. Este "xadrez ao vivo" ajudou-o a descobrir e a escolher Jesus Abandonado. Tornou-se voluntário.

Discreto, humilde, sempre disponível para toda a gente, também como membro do Movimento "Fé e Luz", conseguiu que uma comunidade de Arche se pudesse instalar perto de Toulouse, e foi ali que a Myriam foi recebida. Em 2013, a Lucile morreu e o Michel sofreu muito por isso. Ficando sozinho, conseguiu encontrar um alojamento para o Gérard.

Em junho de 2016, depois do encontro nacional dos voluntários, foi internado numa clínica para fazer uma cirurgia simples, já programada. Mas o pós-operatório complicou-se devido a uma infeção que não conseguiu debelar e, durante cinco meses, foi alimentado por uma sonda. Apesar de se sentir num "deserto espiritual", o Michel continuou a rezar, abandonando-se em Deus, sem se lamentar: o seu pensamento estava sempre nos outros. Um verdadeiro exemplo para todos. No dia 1 de novembro de 2016, deixou este mundo, aos 76 anos de idade. Para a Missa do funeral foi escolhido o Evangelho das Bem-Aventuranças.

Frédéric Colomar e Emmanuel Baroux

Nella Lingua Altmani

Uma frescura de alma pouco comum

De origem piemontesa, a Nella mudou-se para Milão por causa do trabalho do marido, o qual, um dia, levou para casa a *Città Nuova*, recebida de um colega. Fascinada pelos conteúdos da revista, começou a procurar até que conseguiu entrar em contacto com o Movimento, tendo intuído plenamente a novidade desta vida. Tornou-se uma voluntária. O seu comportamento deixou transparecer ainda melhor a nobreza da sua alma e a dádiva do seu esplendor. Sempre em doação, empenhou-se na paróquia, colocando em prática as suas capacidades de mediação e a sua bagagem cultural sempre atualizada, construindo a unidade em toda a parte. Distribuía a *Palavra de Vida* em grande número, fazendo-a acompanhar de bilhetinhos e atenções pessoais. Com generosidade, colocou à disposição das voluntárias a sua casa de praia e também aí,



Caminhos de santidade

Daniela Zanetta. No dia 23 de fevereiro de 2017, o Papa Francisco, tendo reconhecido as suas virtudes heróicas, declarou Venerável a serva de Deus Daniela Zanetta, uma gen de Maggiora (Novara), que morreu em 1986, com apenas 24 anos. Agora começa a causa de beatificação. Nascida com uma doença rara, que toda a vida lhe causou lacerações da pele e grandes sofrimentos (epidermólise bolhosa distrófica) deixou um diário que revela o segredo da sua estrada para a santidade: transformar a dor em amor. Esta declaração do Papa deu muita alegria, para além da Obra, aos seus pais, Lucia e Carlo, e aos irmãos, Fabrizio e Emanuele, e à comunidade eclesial da região.

juntamente com elas, contagiava com a sua vida até as pessoas na praia.

Coluna da família, com o seu amor discreto e equilibrado, conseguia arranjar os momentos adequados para participar nas iniciativas da Obra. Até muito tarde, soube manter uma frescura de alma pouco comum, com a qual educou, com muito amor, os netos.

Sofreu, de repente, um AVC. Tendo passado a depender dos outros, aceitava isso com humildade e docilidade, sempre com gratidão. No dia 17 de setembro de 2016, com 90 anos de idade, partiu para o Céu, deixando em herança o testemunho de uma vida modelada pela Palavra de Vida que Chiara lhe tinha dado: «Não há maior amor do que este: dar a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13).

Francesca Scauda Candeloro

Domenico Mangano. Pia, a sua esposa, com os filhos, os voluntários de Deus e toda a Obra de Maria receberam com alegria a notícia, da parte de Mons. Semeraro, Bispo de Albano (Roma) que, com o édito de 9 de março de 2017, anunciou a causa de canonização de Domenico Mangano, voluntário de Viterbo, que morreu em 2001, com estas motivações: «O seu testemunho autêntico de cristão e de fé radical é um convite constante à santidade coletiva, que encontra a sua máxima expressão na ajuda recíproca a percorrer o mesmo caminho de santidade. Fazer-se santos por amor ao próximo».

Os telegramas completos da Emmaus relativos às focolarinas e aos focolarinos estão publicados em www.focolare.org/notiziariomariapoli

Os nossos parentes

Passaram à Outra Vida: **Nicasio, irmão da Geneviève Sanze**, focolarina na Mariápolis Romana; **Giuseppina, mãe do Sergio Rondinara** e **Luca, irmão do Michele Lauriola**, focolarinos em Loppiano; **Sebastiano, pai da Rosetta Basile**, e **Angelo, pai da Barbara Abate**, focolarinas casadas da Catânia; **Mercè, mãe da Marcela Boldú**, focolarina em Castell D'Aro (Espanha); **Giuseppe, pai da Letizia Fuso** e **Santino, irmão da Lucia D'Antonio**, focolarinas em Nápoles; **Edivaldo, irmão da Cristiane (Cristy) da Silva**, focolarina em Iringa (Tânzania); **Charles, irmão de Magdalena Namayanja**, focolarina na Mariápolis Piero (Quênia); **Marie, mãe da Christiane Bankumukunzi**, focolarina em Bujumbura (Burundi); **Maria, mãe da Bernadette Neissl**, focolarina na Holanda; **Heinrich, pai da Marianne Hessing**, focolarina na Mariápolis Luminosa (EUA); **José, pai da Vibel Lopez**, focolarina em Trento; **Vojteck, pai da Maria Fismanova (Marigi)**, focolarina em Bratislava (Eslováquia); **Oliva, irmã da Frediana Kyomukamarikora**, focolarina no centro zona da África Oriental; **Alba, mãe da Elena Pace**, focolarina no Lácio Norte (Itália); **Serafina, mãe do Giorgio Alberico**, focolarino na Mariápolis Romana; **Maria, irmã do Elio De Toffoli**, focolarino em Trento; **M. Antonietta, mãe da Grazia Passa**, focolarina no Lácio Sul (Itália); **Vita, mãe da Enza Lo Grasso**, focolarina no centro zona da Itália; **Hae Soo, pai da Juliana Corona Hyun**, focolarina nos EUA; **Francesco, filho da Santa Equi**, focolarina casada de Pisa (Itália); **Thi Men, mãe da Pavi Anh Le**, focolarina no Vietname; **Maria Selma, a mãe e um irmão da Tania Santos**, focolarina em Teresina (Brasil); **Piero, pai da Chiara Cuneo**, co-responsável pela Europa Oriental; **Jan, pai da Jaroslava (Jarka) Malíková**, focolarina na Eslováquia.

MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Março e abril de 2017 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a) .

O Super Amor!!

Nos dias 1 e 2 de abril, as gen4 aprofundaram, através do Evangelho, da vida de Chiara, de jogos, canções e tarefas práticas, o tema de Jesus Abandonado, **o super amor!**

Foram dias muito lindos, na cidadela! Eram 40, vindas de todo o país, para o seu congresso.

Os adultos e jovens que procuraram transmitir às gen4 a vida do ideal, ficaram enriquecidos com o amor puro e imediato com que elas a receberam e puseram em prática, com muita simplicidade e alegria. Crescemos todas juntas no amor recíproco, e Jesus no meio foi o nosso único Mestre.

Concluíram o congresso com uma largada de balões, que levaram as suas cartinhas para Jesus:

“Jesus, eu quero ser como tu, mas é difícil amar, podes-me ajudar?”



“Obrigada Jesus por me teres deixado vir a este congresso gen4. Eu gosto de vir aos encontros gen4 porque falam de ti!”

“Jesus, vou tentar fazer mais atos de amor!”

“Jesus, quero dizer-te que és muito importante para mim e para todas as gen4.”

“Jesus, és o nosso melhor amigo, ajuda-me a fazer como Chiara e as suas amigas e levar o amor ao mundo.”

